



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A (DES)ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR EM TORNO DO
ADULTÉRIO EM LARANJAL DO JARI**

**MACAPÁ-AP
2012**

RAIMUNDO NONATO SILVA DE SOUSA

**A (DES)ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR EM TORNO DO
ADULTÉRIO EM LARANJAL DO JARI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Sociais junto a Universidade Federal do Amapá, como requisito final para a obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais, orientado pelo Prof. Msc. Richard Douglas Coelho Leão.

**MACAPÁ-AP
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sousa, Raimundo Nonato Silva de.

A (des)estruturação Familiar em torno do Adultério em Laranjal do Jari/ Raimundo Nonato Silva de Sousa. – Macapá: [s.n.], 2012.

_____ f.; Il.; enc.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Colegiado de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Msc. Richard Douglas Coelho Leão.

1. Relacionamentos. 2. Estrutura familiar. 3. Adultério. I. Título

CDD: _____

Bibliotecário(a): _____
CRB-__ / _____

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (**Lei nº 9.610/98**) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

RAIMUNDO NONATO SILVA DE SOUSA

A (DES)ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR EM TORNO DO ADULTÉRIO EM LARANJAL DO JARI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Ciências Sociais junto a Universidade Federal do Amapá, como requisito final para a obtenção do título de Graduado em Ciências Sociais, submetido à Banca Examinadora composta pelos Professores:

Banca Examinadora

Prof. Msc. Richard Douglas Coelho Leão
Orientador

Profª. Msc. Iraci de Carvalho Barbosa
Examinadora 1

Prof. Msc. Luciano Magnus de Araújo
Examinador 2

Apresentado em: 31/10/2012

Conceito: _____

A Deus, minha força; aos meus pais (Lourenço e Maria de Jesus), meu refúgio, minha fortaleza; aos meus irmãos (João, Manoel, José e Luiz), minha energia; a minha esposa (Rafaela), que muito tem me confortado; e, em especial as minhas duas filhas (Maria Eduarda e Maria Vitória), meu futuro bem próximo.
Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me permitiu vencer mais uma etapa da vida, superando todos os obstáculos que surgiram;

Aos meus pais, Lourenço e Maria, pelo incentivo em todas as lutas da vida.

Ao Professor Msc. Richard Douglas Coelho Leão, que mais que orientador é um amigo e conselheiro que sempre esteve à disposição, com paciência, e ideias inovadoras;

A todos os professores que me oportunizaram o prazer de compartilhar-lhes conhecimentos;

Aos amigos, pelo respeito, compreensão e confiança que sempre tiveram para com a minha pessoa.

Aos Colegas de curso, com quem pude trocar muitas experiências de vida.

Aos cidadãos e cidadãs laranjalenses que aceitaram contribuir com seus conhecimentos através da pesquisa de campo.

RESUMO

Este estudo é resultado obtido pelas análises de dados coletados na cidade de Laranjal do Jari em consonância com estudos de referenciais pertinentes ao tema adultério. Com o propósito de compreensão sobre as interferências do adultério no processo de estruturação e desestruturação familiar área de pesquisa, tomou-se o senso comum como ponto de partida e também de chegada dos resultados; partindo-se desse princípio, adotou-se como método para apropriação das informações desejadas a pesquisa de campo a partir de uma pré-indicação das pessoas a serem entrevistadas no qual voluntariamente cidadãos e cidadãs a partir de dezoito anos de idade propuseram-se a colaborar com a proposta de trabalho através do preenchimento dos formulários e questionários propostos. Ao comparar as informações dos referenciais científicos com as obtidas em campo pode-se constatar que assim como em outros lugares, em Laranjal do Jari o adultério está presente, diferenciando-se pelas formas como é consumado e pelos índices quantitativos.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionamentos, Estrutura familiar, Adultério.

ABSTRACT

This study is resulted obtained by the analyses of data collected in the city of Laranjal do Jari in consonance with studies of pertinent references about the adulterous theme. With the purpose of understanding on the interferences of the adultery in the process of structuring and no structuring family research area, the common sense was taken as starting point and also of arrival of the results; breaking of that beginning, it was adopted as method for appropriation of the wanted information the field research starting from a before indication of the people to be interviewed in which voluntarily citizens and citizens starting from eighteen years of age intended to collaborate with the work proposal through the completion of the forms and questionnaires proposed. When compare the information of the scientific references with the information obtained in field can be verified that as well as in other places, in Laranjal do Jari the adultery is present, differing for the forms how it is consummated and for the quantitative indexes.

WORDS-KEY: Relationships, Family Structures, Adulterous.

LISTA DE SIGLAS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

JACEL – JARI CELULOSE

CADAM – CAULIM DA AMAZÔNIA

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Demografia do Município de Laranjal do Jari -----	44
Tabela 2 – Respostas a pergunta: Você conhece algum caso de adultério que esteja acontecendo em sua família ou vizinhança? -----	48
Tabela 3 – Por que manter uma relação de adultério sabendo que ela não está totalmente às escondidas? -----	49
Tabela 4 – Motivos que fortalecem as marcas do adultério em Laranjal do Jari -----	50
Tabela 5 – Quem mais pratica adultério contra parceiro ou parceira em Laranjal do Jari ----	52
Tabela 6 – O que é pior:	
1 – Saber que ele ou ela transa com você pensando em outra?	
2 – Saber que ele ou ela transa com outra pensando em você? -----	54
Tabela 7 – Quem é o <i>outro</i> em Laranjal do Jari -----	55
Tabela 8 – O destino dos casais quando o adultério é revelado em Laranjal do Jari -----	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ADULTÉRIO EM PERSPECTIVAS	16
1.1) Os novos comportamentos da humanidade	16
1.2) Definição de uma problemática que vai do senso comum à metafísica	19
1.3) História social do adultério	21
1.4) A prática do adultério: de quem é a culpa	24
1.5) Simbologias do senso comum – estereótipos	26
1.5.1) Cafajeste	26
1.5.2) Canalha	27
1.5.3) Sacanagem	28
1.5.4) Safadeza	29
1.5.5) Cachorro e cadela	31
1.5.6) Piriguete	32
1.5.7) Perua	34
1.5.8) Corno(a), chifrudo(a)	34
1.6) Adultério do ponto de vista jurídico brasileiro	37
1.7) Bases conceituais sobre adultério	39
1.8) O adultério como espetáculo artístico	41
ADULTÉRIO À MODA LARANJALENSE: ENTRE PONTES E AVENIDAS	43
2.1) Uma análise sociológica do aspecto populacional da cidade Laranjal do Jari	43
2.2) A presença do adultério em Laranjal do Jari	46
2.3) O adultério sob a ótica do senso comum em Laranjal do Jari	47
2.4) Adultério de ponta à ponta	51
2.5) Adultério: do senso comum ao prazer	53
2.6) Quando não dá para esconder	56
2.7) Adultério temperado à violência	57
POR UMA NOVA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR	61
3.1) Estruturação e desestruturação familiar em torno do adultério	62
3.2) Adultério e descasamento	64

3.3) Adultério e recasamento -----	66
3.4) Uma nova família: estruturação desestruturada -----	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	69
REFERÊNCIAS -----	71

INTRODUÇÃO

O processo de miscigenação cultural – a priori – é tido como disseminador do pluriculturalismo “estranho” e de uma nova maneira de conceber as relações sociais.

Devido a intensidade e voracidade das mudanças frutificadas nessa nova concepção de ser social podemos afirmar com veemência que vivemos em um mundo que está sempre no tempo presente, sofrendo mutações sociais diariamente e, com isso, precisamos-nos adaptarmos aos novos propósitos da sociedade contemporânea. Nas últimas décadas tem se tornado mais perceptíveis as alterações nos modos e nas relações internas das instituições sociais tradicionais. Novos conceitos, redefinição de papéis, reprodução de cultura através dos ágeis meios de comunicação de massa, tudo isso constituindo a nova cara da família. Sendo este um dos campos de atuação da sociologia a temática tem manifestado interesse dos cientistas na incessante luta por desvendá-la e dar respostas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com as relações familiares tal qual estão presentes. Temas com esse perfil têm suscitando grandes debates e possibilitado a elaboração de inúmeras e variadas teses. Nessa corrida científica ganha destaque o fato de os estudiosos das ciências sociais, assim como outros campos do saber, ao estudarem fenômenos que envolvem conflitos entre indivíduos ou grupos enfrentarem retaliações do objeto no campo de pesquisa ou até limitações psicológicas por haver infinitas e possíveis indagações capazes de surpreender o ente apto a prestar informações de suporte científico para os estudos.

A família tal qual estamos habituados a conceber é uma das instituições que tem passado por essas profundas e contínuas mudanças, sejam elas do ponto de vista interno ou pelo choque com a diversidade cultural promovida pela velocidade em que as informações são repassadas e absorvidas frente às novas gerações. Informações essas capazes de refazer práticas até então enraizadas nas concepções conservadoras de homem e de mundo, onde as relações conjugais precisam ser obrigatoriamente monogâmicas, infalíveis e duradouras, enfim, de família como instituição forte e indissolúvel. Compreender esse choque entre comportamentos tão distintos requer, acima de tudo, dedicação, cautela e coragem.

O problema levantado por este estudo está socialmente classificado como um desses repletos de contraposições. Trata-se do adultério, com foco no processo de estruturação e desestruturação familiar por ele provocado na cidade Laranjal do Jari, localizada ao sul do Estado do Amapá.

A manifestação do desejo por estudar a temática teve como ponto de partida o imaginário do senso comum local o qual sente as marcas de uma cidade abarrotada pelo

estereótipo de ser ponto de facilitação para as relações extraconjugais, como pouco se tem explorado sobre o assunto na região nos propomos averiguar parâmetros norteadores e ao mesmo tempo mediadores entre o senso comum e os saberes científicos a respeito do adultério.

A maior preocupação desse estudo não é analisar as formas de relacionamento dentro de cada instituição, mas dentre elas o privilégio de realizar alguns esclarecimentos e discussões acerca da estruturação e desestruturação familiar na zona urbana da cidade de Laranjal do Jari causadas por questões referentes ao adultério e dessa forma traçar em linhas gerais um breve perfil qualitativo sobre as consequências da prática adúltera naquela cidade.

O ponto de partida foi as hipótese de que em Laranjal do Jari o adultério seja algo aceitável e que a estrutura familiar sofra pouca influência dessa prática, do contrário, o *achismo* popular sobressai à falta de estudos mais detalhados.

Cientificamente não há, ainda, nenhum estudo com maiores detalhes a respeito do assunto. Sabe-se que não obstante de outras cidades, em Laranjal do Jari existem casos de prática adúltera (de ambos os sexos) que culminaram com a desestruturação familiar, assim como a existência de famílias constituídas a partir desse ato gerador de tanta polêmica e espanto.

Se falar de qualquer prática moralmente ilícita, como o adultério, pode ser um tanto quanto dificultoso, o não falar é ainda pior. Além de ser uma forma de esconder um problema antigo é preferível não tocar no assunto. Porém lavando por essas prerrogativas, surgem as maiores dificuldades em explorar o tema: a apropriação de saberes plausíveis que possam dar suporte de campo para fomentação de um estudo.

Em princípio o caráter polêmico precisou ser deixado de lado seguindo-se na contramão dos fatos escondidos; abrindo-se através de meios de comunicação de massa um pequeno debate sobre o tema com o propósito apenas de aguçar o interesse para um segundo momento onde o informante fornece os dados de localização para que sejam realizadas as coletas de informações a partir da aplicação de formulários e questionários. Através do mapeamento da característica básica – ter maioria perante as Leis Federais – 68 pessoas, entre homens e mulheres, foram entrevistadas fornecendo dados, a respeito da temática, importantíssimos que foram posteriormente comparados entre si e com as teorias levantadas nos estudos referenciais e, dessa combinação o que se considerou de maior importância está descrito nesse estudo.

Os resultados obtidos através deste estudo estarão dispostos em três capítulos. O primeiro deles apresenta um apanhado geral sobre o adultério quanto a sua história, a

interferência nas ordens religiosas, os estereótipos que o circundam, as fantasias. O capítulo seguinte apresenta os resultados comentados sobre as questões mais relevantes acerca do adultério, especificamente em Laranjal do Jari. No terceiro, como podem ser observados os processos de estruturação e desestruturação familiar a partir da prática adúltera e, finalmente, algumas consideração acerca da temática em sua relação com os estudos analisados.

ADULTÉRIO EM PERSPECTIVAS

As marcas de alguns atos são avassaladoras e muitas vezes irreversíveis tornando-se tão presentes que suas cicatrizes ultrapassam as barreiras dos limites de seus agentes.

Toda aquela diferenciação retratada pelas ciências sobre o homem, de ser o único capaz de agir com racionalidade, acaba recaindo sobre sua carapaça onde em um simples ato sua ação fere os princípios do seu grupo de convívio, ainda que, em diversos casos, ele tente justificar como domínio pelas forças impulsivas ou atitudes impensadas.

Neste capítulo serão abordadas temáticas referentes a um desses atos – o adultério – sob algumas perspectivas.

1.1 – Os novos comportamentos da humanidade

Desde o início dos tempos o homem passa por profundos processos de mudanças na sua conjuntura social. Em uma delas precisou se adaptar a viver em grupo sob a forma de coletividade. Aprendeu a dar valor àquilo que não seja fruto do seu ideal de vida. Isso o levou a construir alguns princípios rústicos para defesa dos seus ideais de território. Mais tarde eles seriam lapidados e aplicados às sociedades a partir daquilo que hoje conhecemos como democracia.

As definições práticas desses princípios foram sendo disseminadas através dos modos de vida voltando a se reunir nos termos da liberdade de expressão, que é hoje um dos vieses atuantes como sustentáculo da estrutura social. Nessa trajetória ele foi capaz de compreender que na fuga em relação a essa máxima (a vida em grupo) pode promover e envolver-se em conflitos ideológicos. Mas, a liberdade de expressão também permite ao ser humano ir de encontro às suas aflições propiciando que ele possa construir um diferencial de ideologia para a vida através da coragem de erguer a bandeira de seu ideal de mundo ainda que para isso tenham que sofrer retaliações dos demais membros do grupo ao qual pertença, devido a indiferença e desconfiança que se tem do inovado. Trata-se de mudanças de atitude perante as correntes ideológicas que outrora lhe foram apresentadas como verdadeiras e unas.

Do ponto de vista holístico, as mudanças comportamentais oportunizaram ao meio social a convivência com formas distintas de relações dentro de um espaço muito curto, pondo bem no centro de interferência a grande dificuldade de se aceitar o enfrentamento de algo que seja desconhecido, em contradição à liberdade de expressão que preconiza a experimentação

do que nos é alheio, redefinindo, então, as noções de certo e de errado que passam a ser analisadas como algo flexível dependendo da conjuntura social a qual estão sendo observados.

Com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro. Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter o conhecimento instantâneo do acontecer do outro. Essa é a grande novidade, o que estamos chamando de unicidade do tempo ou convergência dos momentos. A aceleração da história, que o fim do século XX testemunha, vem em grande parte disto. Mas a informação instantânea e globalizada por enquanto não é generalizada e veraz porque atualmente intermediada pelas grandes empresas de informações (SANTOS, 2008, p.28).

O pensamento de Santos, apresentado acima, vem reforçar a ideia de que estamos em meio a um acelerado processo de mudanças na velocidade na disseminação dos fatos e, conseqüentemente o redirecionamento de alguns conceitos básicos.

Os novos comportamentos adquiridos pela humanidade através dos tempos muito tem colaborado para a formação do sistema de relações interpessoais do momento presente, por meio do qual percebemos o abarrotamento de novidades advindas de origens distintas e que se autorrenovam a cada dia, permitindo, com isso, o reposicionamento das pessoas em relação às estruturas pré-estabelecidas e engessadoras de tempos atrás. Assim aos poucos vão se abrindo espaços significativos de valorização das realizações pessoais que durante muitos anos foram sucumbidas pelas normas sociais e até mesmo jurídicas.

A liberdade de expressão tornou-se primordial como pilar de sustentação dos novos comportamentos, onde os saberes tradicionais sejam respeitados, mas que se abram as possibilidades de socialização também com as construções do imaginário atual respeitando-se todas as peculiaridades.

Todos os processos de socialização se realizam numa interação face a face com outras pessoas. Em outras palavras, a socialização sempre envolve modificações no microcosmo do indivíduo. Ao mesmo tempo, a maior parte dos processos de socialização, tanto primária quanto secundária, liga o indivíduo às estruturas complexas do macrocosmo. As atitudes que o indivíduo aprende através da socialização geralmente se relacionam com sistemas amplos de significados e valores que se estendem muito além de sua situação imediata. Os hábitos de ordem e limpeza, por exemplo, não são apenas ideias excêntricas de determinado par de pais, mas constituem valores muito importantes num amplo mundo da classe média. Da mesma forma, os papéis aprendidos no curso da socialização relacionam-se com vastas instituições, que talvez não sejam imediatamente visíveis no microcosmo do indivíduo. A aprendizagem do papel de menino corajoso não só acarreta a aprovação dos pais e dos companheiros de folguedo, mas assume certa importância para o indivíduo enquanto este abre caminho num mundo bem mais amplo de instituições, que inclui desde o campo de futebol do colégio até as organizações militares. A socialização liga o microcosmo ao macrocosmo. De início, habilita o indivíduo a ligar-se a determinados outros indivíduos; após isso, torna-o capaz de estabelecer

contato com um universo social inteiro. Para o bem ou pra o mal, a própria condição humana traz consigo esse tipo de relacionamento numa base vitalícia (FORACCHI; MARTINS, 2008, p. 181).

As relações que antes eram singulares foram evoluindo e, aos poucos sendo aceitas em suas novas formas de tal modo que hoje em dia, por exemplo, já não seja nem mais exigido o convívio sob o mesmo teto para assim ser caracterizado um núcleo familiar basta que tenham um projeto de vida comum; demonstrando que o processo de supressão da família moldada no patriarcalismo precisou promover o alargamento de seu conceito para que a instituição pudesse permanecer forte na contemporaneidade. Família agora deve ser vista não mais como uma, e sim pela ótica da pluralidade: desconstituída, recomposta e, acima de tudo heterogênea.

A solidificação da vivência em sociedade nos permite perceber um brado vindo do senso comum afirmando estar a instituição família a beira de um caos devido a desordem e esse mesmo agente (senso comum) aponta para o fato de que as pessoas ainda não estão preparadas para viver o presente da forma como ele se apresenta. A esse ponto ainda é exagero apontar com veemência a quem recai a culpa, caso ela exista; de fato o que está acontecendo é uma nova configuração daquela definição que se tinha de família tradicional, onde os papéis eram bem definidos e tidos como certos e acabados. Com as mudanças de paradigmas torna-se essencial a redefinição de conceitos relacionados ao assunto das relações entre indivíduos, a exemplo, a ideia de homossexualismo está sendo gradativamente substituída com algumas reformulações conceituais por homoafetividade, ainda que a postura assumida pela maior parte das pessoas seja arcaica.

A essa transformação básica do horizonte intelectual médio é preciso acrescentar outras duas consequências, a elas relacionadas. De um lado, as modificações que se produziram na natureza e nos alvos do conhecimento do senso comum; de outro, as inovações que se manifestam no seio do pensamento racional sistemático. As modificações por que passou o conhecimento do senso comum tem sido subestimadas, em particular devido às inclinações intelectuais dos autores que estudam a história do pensamento no mundo moderno. Mas elas possuem uma significação excepcional, pois foi por meio delas que se projetaram na vida prática as diversas noções que fizeram da atividade humana, individual ou coletiva, o próprio cerne do progresso econômico, político ou cultural (FORACCHI; MARTINS, 2008, p. 11).

Nessas perspectivas o processo de evolução do próprio ambiente doméstico serve de explicação para os novos comportamentos que estão marcados na vida privada. Trata-se de uma linhagem filosófica das relações humanas defensora dos valores do ser enquanto cidadão, focada no indivíduo, porém, a ideia de viver em grupos nem sempre permite que as vontades de cada um se faça prevalecer. Na sua essência, a sociedade possui normas, segundo ela,

apropriadas de conduta das quais a ação humana não deve fugir senão entrará em uma zona arriscada de rompimento com o tradicionalismo.

Um dos maiores problemas referente aos novos comportamentos da humanidade é que o senso comum deixou de ter caráter lendário e passou a subsidiar diversas linhagens científicas e com isso novos espaços se abriram permitindo toda essa interferência dos valores individuais sobre o coletivo tornando as relações muito mais relativas do que absolutas.

1.2 – Definições de uma problemática que vai do senso comum à metafísica

É quase inquestionável que a revolução sexual dos anos sessenta tenha sido um marco importantíssimo na história da sexualidade. Com ela conceitos foram reconstruídos, preconceitos instintos e temáticas presentes tiveram que ser bem conceituadas. A noção de certo ou de errado mais uma vez precisou ser conotada de acordo com o grupo. Foram tantas as redefinições abrangidas pelos adeptos á revolução que seria imprópria à tentativa de abordar todos em uma só pesquisa, mas aqui destacaremos seus efeitos em uma delas – o adultério.

De fato não se trata de uma prática nova, ao contrário, a ação adúltera sempre coexistiu nas relações afetivas ao que se narra nos registros históricos anteriores ao nosso tempo, no entanto, a partir dos anos 70 as discussões sobre o assunto tornaram-se mais abertas chegando a ser encaradas por alguns como elementos simples, presentes e banais, o que se tornou um risco muito grande, pois através de sua prática inúmeros desfechos sociais podem ser obtidos, ou seja, a revolução sexual tem sua parcela de contribuição na passagem do adultério de um ato vergonhoso para se tornar uma atitude já timidamente aceita.

Todas as atitudes que tomamos dependem de nossa filosofia de vida, de como entendemos acontecerem os fatos e de qual é a nossa opção de agir. Por isso, é preciso tomar cuidado com as formas distorcidas de olhar determinada situação; esse descuido poderá representar o risco de basear suas atitudes em um equívoco (NUNES, 2007, p. 41).

No Antigo Testamento, a palavra usada para adultério é *na'ap*, que significa exclusivamente “relações sexuais ilícitas entre pessoas casadas ou comprometidas” (COPPEs, 1998, p. 829).

Além da conotação sexual, adultério também é definido no Antigo Testamento como ofensa ao matrimônio, como atitude contra Deus e contra a sociedade. Assim ressaltado na

Bíblia em Levítico 20:10, “Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera”.

Quanto ao Novo Testamento tomemos o livro de Mateus, capítulo 5 versículos 27 e 28: “Ouvistes que foi dito aos antigos: não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo que qualquer que atentar numa mulher para cobiçá-la, já em seu coração cometeu adultério com ela”. Percebemos através dessa passagem do Novo Testamento que Jesus prega, dentre outros temas pertinentes, a respeito da moralidade e do autocontrole dos desejos carnis em defesa da manutenção dos valores mais remotos defendidos pelo cristianismo que com o passar dos anos foram se modificando e promovendo um grande dilema dentre as correntes filosófico-religiosas. Há os defensores ferrenhos de um relacionamento indivisível baseados nas organizações familiares que lhes antecederam, as quais os valores não devem ser infringidos, sob penas severas a serem aplicada pela própria conjuntura social; outros põem a cultura de pequenos grupos acima dos atos permitidos socialmente pela maioria, justificado-se na liberdade interpretada ou protelada na própria escritura sagrada, onde em *Aos Romanos 7:3*, por exemplo, encontramos o seguinte texto: De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera, se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido.

A passagem aqui mencionada não serve para a alusão de que o fenômeno seja temporal. Estudiosos contemporâneos preocupam-se em abordar a temática de maneira esclarecedora, às vezes através de uma linguagem simplificada, outras por meio de uma mescla entre essa e a científica. Na visão de Michel Foucault (1985):

Os atos sexuais devem, portanto, ser submetidos a um regime extremamente cauteloso. Mas esse regime é bem diferente daquilo que poderia ser um sistema prescritivo que procurasse definir uma forma “natural”, legítima e aceitável das práticas. É notável que quase nada é dito nesses regimes sobre o tipo de atos sexuais que se pode cometer, e sobre aqueles que a natureza aconselha (FOUCAULT, 1985, p. 127).

Outra definição bastante restrita de adultério pode ser encontrada nos dicionários de língua geral, onde podemos resumir como sendo simplesmente “o ato de manter relações sexuais com uma pessoa que não seja seu cônjuge” (AULETE, 2004, p. 19).

Percebemos que por detrás das definições mais simplórias de adultério há sempre um viés que tende ao ato sexual como prática indispensável, no entanto, pouco entendemos sobre os elementos que constituem os arredores dessa ação que não possui roteiro pré-estabelecido.

O princípio básico de um estudo científico não é torná-lo tão minimizado. Na verdade, a delimitação mínima que estaremos dando ao longo deste estudo tem suas bases no princípio dos danos e/ou benefícios advindos a partir de um ato de adultério cometido por membro das sociedades monogâmicas deste tempo.

1.3 – História social do adultério

Antes de adentrarmos na história social do adultério propriamente dita precisamos compreender o processo evolutivo da instituição família, haja vista a enorme relação a ser estabelecida entre as duas.

Não há uma data estabelecida que especifique com precisão o início da constituição familiar, mas certamente a própria característica humana da vida em grupo permitiu a aproximação por afinidades entre as pessoas o que levou estudiosos a estabelecer essa origem a partir do momento em que o homem percebeu o valor da propriedade; quando ele transitou do estado nômade para o sedentário percebeu também que seria necessária força física para alavancar suas pretensões.

No período neolítico, o homem começou a compreender sua função biológica reprodutora; antes ele não entendia com a mulher conseguia reproduzir; eles praticavam o sexo, mas não sabiam que era através dele que acontecia a fecundação. Desde então, o homem percebeu que podia controlar a sexualidade feminina. Assim, surge a família como conhecemos hoje (PALHETA, 2010, P. 33).

Salvaguardados os conceitos mencionados pelos princípios do item anterior, a partir deste momento o adultério passa a ser concebido como ato de envolver-se com outra pessoa fora do relacionamento considerado estável, não pelos parâmetros das leis, mas pelas prerrogativas consuetudinárias. Nesse contexto é preciso apoiar-se nos seus pressupostos históricos, nas origens etimológicas do adultério enquanto prática, desde quando a ideia de parceiro ou parceira foram incutidas no pensamento da organização social familiar.

Não há, precisamente, evidências que denotem o primeiro caso de adultério, mas cabe afirmar que a partir do momento em que o ser humano passou a estabelecer contato com mais de uma pessoa certamente exclamou juízos de valores e tornou-se conveniente julgar e atribuir qualidades ao novo ciclo, assim a ideia de relação triangular passou a fazer parte da fisiologia social, ainda que a própria sociedade monogâmica não aceite de bom grado tal prática.

Por outras palavras, a atividade social se caracteriza pelo fato de regular o agente sua conduta segundo a esperança de que os outros se comportem de uma certa maneira, de sorte que ele encontre nisso uma razão favorável ou uma oportunidade de levar o bom termo a ação encarada. Esta oportunidade pode consistir no fato de os outros respeitarem um acordo combinado ou o respeitarem em média no sentido em que o agente o entenda subjetivamente. À falta de um acordo explícito, o agente pode esperar que os outros se comportem de certa maneira em face de uma racionalidade por valor, ou que ajam por dever, por tradição ou por dignidade pessoal em um sentido previsível. Isso também é válido para uma atividade que se propõe a violar um regulamento, pois o transgressor conta precisamente com a oportunidade média de que os outros continuarão a orientar seu comportamento de acordo com sua máxima habitual (...) (FREUND, 2006, p. 89).

Na Roma antiga, a grande surpresa veio a ser a prática da poliginia propiciada indiretamente pelas guerras que o Império envolvia-se. Necessitado de grande quantidade homens para os combates, aqueles que na haviam sido selecionados para o enfrentamento das tropas inimigas, assumiam a responsabilidade pela proteção e segurança dos familiares dos outros, com isso os laços afetivos iam se fortalecendo e o estabelecimento das relações carnis surgia naturalmente, ainda que fosse de encontro aos preceitos das crenças religiosas da época. A partir de uma visão moderna das relações daquela época pode-se dizer também que o adultério também ocorria nos campos de concentração já que a prática do sexo de um homem com outro homem também ocorria permitindo que assuntos sobre o desejo carnal começassem a fazer parte das discussões de grupo e das reflexões individuais.

O controle das intenções e a ordenação do gozo implicam a regulamentação dos atos sexuais. Entre os séculos XI e XII, os vícios da carne, concebidos sob o nome genérico de Luxúria, sofreram um processo de classificação minuciosa. A partir de noções mais ou menos antigas, os conceitos vão sendo precisados, na construção de uma moral jurídica e descritiva. Os atos e intensões, objetos a censura da Igreja, se dão, no entanto, em meio a situações concretas e variadas. Guias práticos, mais do que textos teóricos, os manuais devem dar conta de uma trama social complexa. A condição dos pecadores, os momentos, os lugares, tudo isso interfere, atenuando ou agravando as faltas, e introduzindo nova variável na classificação e hierarquização dos pecados: as circunstâncias. Atos, intenções e circunstâncias. Do cruzamento desses três elementos nascerá uma casuística exaustiva, verdadeiro discurso obsessivo, que tem a pretensão de abranger tudo e todos. Discurso de exclusão, que nomeia a virtude e o vício, separando o bom do mau, sem deixar espaço para o diferente (VAINFAS, 1986, p. 79).

As mudanças ocorridas na forma de pensar das pessoas foram muito restritas, no que se refere a mudanças, porém com o passar dos anos naturalmente elas ocorreram e a forma de organização social também passou por modificações obrigando seus membros a adequar-se aos moldes de cada época. Em comparação com o que ocorrera séculos atrás, o período da Revolução Industrial foi um marco na história da humanidade de tal forma que quase tudo o que veio após precisou ser adequado à ideia do novo, trazido por esse movimento, inclusive a

necessidade de ascensão dos modos de produção que precisaram sair do seio dos núcleos familiares e chegar às fábricas modernas.

Modernamente, na fase pré-industrial, o grupo família produzia praticamente tudo o que consumia. A casa era o centro da produção doméstica, da qual participavam todos os membros. Dessa função básica, resultava determinadas condições sociais e a execução de certas funções institucionais sob chefia autocrática, como a proteção, como a proteção e a assistência, a educação e aprendizado da prole. Já na fase da revolução industrial, a família deixa de exercer atividade produtiva. A produção doméstica é substituída pela produção fabril. Assim o trabalho das mulheres e das crianças em extensas horas de trabalho, chega até mesmo a anular a própria realidade familiar. Mães e filhos saem de casa para ficar o dia quase que inteiro dentro de uma fábrica e o relacionamento familiar enfraqueceu sobremaneira (PALHETA, 2010, p. 39).

Pela característica de organização produtiva durante a fase pré-industrial supõe-se que os relacionamentos extraconjugais

Por aqui os fatos foram distorcidos pelas diferenças de classes estabelecidas no momento da colonização permanecendo no desejo dos críticos durante séculos. Por outro lado a própria história denota fatos que deixam implícitos a prática adúltera cometida pelos povos colonizadores.

De Nóbrega a Antonil, de Anchieta a Jorge Benci, a crítica inaciana aos costumes da Colônia sugere-nos um quadro de absoluto desregramento em matéria sexual. E também nossa historiografia, aplaudindo ou reprovando a soltura dos portugueses no Brasil, sempre tendeu a endossar essa imagem geral da Colônia, terra onde nada valiam as regras da moral, onde até os preconceitos raciais sucumbiam aos apetites da carne, insuflados, aliás, pelo calor libidinoso do trópico. Os pioneiros da colonização, diz-nos Charles Boxer, “baseavam-se na teoria de que não existiam os dez mandamentos ao sul do Equador” e, à lascívia dos lusitanos, escreve Paulo Prado, juntou-se à sensualidade das índias, especialmente movidas por razões priápicas (VAINFAS, 1997, p. 59).

Cada geração histórica apresenta marcas na sua forma de organização, na concepção de homem e de mundo e são marcadas pelas maneiras particulares as quais as relações sociais são estabelecidas, principalmente aquelas que envolvem uma grande quantidade de pessoas, seja em seus aspectos prós ou naqueles contra. O adultério será aqui concebido como um elemento social rígido, pois ao longo dos séculos, as sociedades que o reprimiram continuam sem aceitar de bom grado até hoje, por outro lado, os defensores das relações poligâmicas tentam, da mesma forma, convencer que a prática de relações com mais de um parceiro ou parceira tem diversas fundamentações descritas na história e que pelo princípio da propagação cultural, não se configurariam como adultério.

No entanto o que muito chama atenção atualmente não são os macrossistemas poligâmico ou monogâmico, mas as diversas maneiras como as relações são estabelecidas. Os sistemas legisladores ultimamente vêm contribuindo para uma crise de identidade na qual o ser tradicional sente-se cada vez menos valorizado. O reconhecimento expresso de outras entidades familiares, dentro de uma perspectiva pluralista; o reconhecimento dos filhos havido fora do casamento; a dissolução, por exemplo, tem mostrado que a situação de exclusividade do casamento e do casamento exclusivo nas sociedades monogâmicas tem sofrido fortes abalos.

Além das formas mais elementares, as novas relações advindas com a revolução tecnológica também marcam o momento presente uma vez que permitem ao homem o estabelecimento de um contato proximal com pessoas de diversas culturas em tempo real e nessa engrenagem as relações afetivas também estão incluídas e marcadas pelas possibilidades de um reencantamento conjugal ocorrido no ciberespaço.

Eu defino ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores. Essa definição inclui o conjunto de sistemas de computadores eletrônicos (ai incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (...) (LÉVY, 1999, p. 92).

O homem acredita conhecer o ciberespaço, mas não é capaz de discernir com precisão todas as possibilidades de materialização daquilo que nele ocorre, podendo esse ser considerado o ultimo estágio conhecido das relações, o qual ainda há muito que descobrir.

1.4 – A prática do adultério: de quem é a culpa

Até poucas décadas as ciências de modo geral apropriavam-se de vários termos como se eles fossem exclusividade de um único campo do saber. Com essa prática, muitos conceitos deixaram de serem estudados com a devida magnitude, outros foram sucumbidos ou desgastados pelo uso desenfreado em um único campo científico, razão pela qual ainda é comum em uma leitura didática ou paradidática encontrarmos expressões do tipo “nos valem aqui de um termo da biologia”, no entanto o processo de evolução científica dos últimos séculos abriu os horizontes permitindo o reordenamento desses termos não mais identificando-os como pertencentes a uma área, mas tornando-os susceptível a análise de distintos tendências científicas que o julgue relevante em seus propósitos.

O adultério aqui precisa ser compreendido e analisado como um desses termos já explorado por outras ciências só que, dessa vez, terá seus viés sociológico em destaque quanto aos aspectos indicadores de seus elementos extremos – os pontos de origem e de chegada.

Acreditar que a prática adúltera esteja relacionada com a ideia de unidade, onde cada ser age conforme o próprio interesse não estaria fora de contexto, uma vez que mais da metade dos casos de adultério acontecem, a priori, sob um segredo tão tremendo que tanto homens quanto mulheres envolvidas tornam aquele ato uma decisão que pode interferir eternamente em suas vidas positiva ou negativamente; não querem pensar na menor possibilidade de aquele momento tornar-se público, pois, dessa maneira estariam expondo toda carga de princípios que lhes foi repassada previamente, além do mais, estariam sujeitos às sanções do meio social. Logo, ao consumir o adultério, surgem conflitos, dúvidas, incertezas que levam o sujeito, muitas vezes a auto condenar-se pelas atitudes tomadas na tentativa de defesa, ou mesmo pelos caprichos incomuns.

O que combatemos é a promiscuidade que gera infidelidade. Quando um homem ou mulher decidem ficar solteiros, tendo como intuito a libertinagem sexual, jamais encontrarão a verdadeira felicidade. O pecado jamais poderá gerar uma verdadeira felicidade plena. Pessoas que dizem que preferem viver solteiras para não estarem atreladas a uma só pessoa, nunca serão felizes, e digo isso com total respaldo na palavra de Deus (PALHETA, 2010, P. 94).

Para melhor entender o que pode levar uma pessoa a cometer adultério se fazem necessárias muitas interpretações de estudo de caso que levem em conta a vida social dos entes envolvidos – cada um em seu momento. Ao que se tem conhecimento, por detrás do ato adúltero existe grande possibilidade de outros conflitos, anteriormente, terem ocorrido, principalmente em relação à pessoa que trai, revelando, com isso, face da vingança presente na relação adulterada. Ao ocorrer sob essas características, o adultério é tido como ato premeditado e calculado com frieza de modo que antes da sua consumação todo um planejamento precisa ser elaborado.

Mudanças de comportamento como o adultério certamente não podem e nem devem ser analisadas sob um único ponto de vista, pelo fato de se tratar de uma atitude reprimida na maioria das sociedades. Caso a análise seja feita unilateralmente perderão grande parte de seus atributos científicos além de provocar, no próprio estudioso, as sensações ou de invalidez da pesquisa ou o surgimento de indefinidas possibilidades. Por isso não se pode generalizar culpados pela ação adúltera uma vez que o próprio termo culpa é um tanto quanto confuso. Para alguns recai sobre as pessoas que atuaram no evento; outros podem ir além e

defini-la como responsabilidade do conjunto de pessoas e também da estrutura social que as cercam. Enfim, na busca de culpados, cada caso merece uma atenção minuciosa e não é recomendável que esta atenção seja baseada em outros casos. Também levar em consideração a personalidade pode trazer a tona respostas direcionadas a princípio.

No duelo entre culpados e não culpados surge, então, como provocador do adultério, um rol de motivos, mas que aqui serão categorizados em apenas dois como primitivos, o social e o sexual.

Do ponto de vista social, o homem observa como a mulher vê a vida, sua educação, a estrutura familiar, a religião, os gostos culturais (para filmes, músicas viagens) e um aspecto que considero básico: o biorritmo, que nada mais é que os hábitos de dormir, acordar e alimentar-se em horários muito diferentes entre si.

Do ponto de vista sexual, o homem vai observar o comportamento sexual, inclusive a sensualidade, como ela beija, como transa, o quanto gosta de transar (frequência), como enxerga e reage às fantasias do parceiro (NUNES, 2007, P. 102).

Os estudos aqui realizados os mostram uma análise social do comportamento humano em relação ao adultério como um ato racional mais que suas bases encontram-se no meio social.

1.5 – Simbologias do senso comum – estereótipos

Apesar de se tratar de um tema tão polêmico as pessoas envolvidas em casos de adultério, e sua maioria, ainda são forçadas a conviver com uma dura realidade introduzida pelo senso comum na cultura brasileira, o costume da comparação, dos estereótipos sarcásticos que muitas vezes são encarados pela ciência como se não fossem pejorativos, mas, de fato, eles acabam distorcendo algumas verdades. A cada geração homens e mulheres criam e recriam conceitos e permitem, com isso, definições diferentes para os elementos – agente e paciente – de práticas adúlteras através de conotações por vezes engraçadas ou até ignominiosas sendo que nesse caso cabe analisar com maiores detalhes alguns dos mais populares já substanciados pelo senso comum; suas origens e seus porquês.

1.5.1) Cafajeste

Termo com data de validade se esgotando pela abreviação *cafa*; trata-se de um estereótipo não tão particular da cultura brasileira, mas de uma figura que engloba um grupo muito grande por está relacionado a uma opção momentânea. É aquela pessoa bem definida,

sabe o que quer, atua perfeitamente bem separando os estágios do sentimento – principalmente amor, sexo, paixão, de modo que “todo cafajeste acaba sendo uma pessoa legal que quer achar a parceria certa, mas enquanto não vem se diverte com as erradas” (NUNES, 2007, p. 25). Por meio de uma análise não tão profunda, podemos melhor definir o cafajeste como um papel usado ao bel prazer de seu atuante e, uma vez sendo considerado papel, pode ele deixar de ser a qualquer momento.

O cafajeste, aos olhos da sociedade não passa de um desclassificado moralmente, podendo chegar ao ponto em que mesmo não atuando, os próprios agentes sociais podem encarregar-se de excluí-lo do meio; por outro lado, pode ele aproveitar-se da condição adquirida e propagar-se dentro de seu grupo de convívio, no entanto sua prática já não atinge mais a mesma quantidade de pessoas de outrora.

Se você que fazer um teste para descobrir se o seu parceiro é um cafajeste, experimente dizer que está se apaixonando. Caso ele se enquadre na qualificação, vai pular fora bem rápido, porque ele não tem a intenção de ferir seus sentimentos (NUNES, 2007, p. 26).

O cafajestismo é, assim, um estágio muito interessante do comportamento humano pelo fato de mexer com uma relação que pode ser monogâmica, mas, também pode envolver várias pessoas por não está diretamente relacionada com sentimentos e, pelo que a psicologia tem de concreto, sentimento numa relação não significa que as pessoas envolvidas tenham que sentir ao mesmo tempo, ou seja, se, de um lado o relacionamento é categorizado como curtição, por parte do cafajeste; do outro a sensibilidade para a paixão, ou outras sensações, já pode ter aflorado mantendo-o atuante em seu *status*.

Na prática, o cafajeste é individualista, mas, se importa com a outra pessoa. No entanto por se tratar de um papel para ele a posição preferida na relação é a aquela que melhor lhe satisfaça não havendo preocupação com o restante das pessoas. Isso nos remete a dificuldade em identificá-lo quanto a gênero e estado civil, da mesma forma que suas possíveis vítimas.

1.5.2) Canalha

Termo muito usado no cotidiano brasileiro, mas que muitas vezes erroneamente lhe é atribuída uma função sinônima da qualificação de cafajeste. Na sua essência, além de se relacionar ou intervir em relações doutros pouco há de comum entre eles. O canalha é bem

pior; costuma ser recriminado até mesmo pelas pessoas que frequentam seu ciclo de amizades. Porém, o que mais diferencia o cafajeste do canalha é o fato deste último não ser apenas um papel, mas um comportamento permanente, logo se um cafajeste pode deixar de exercer seu papel, o canalha permanecerá com o perfil intacto, ou seja, a canalhice configura-se como o próprio caráter de seus agentes.

Caracteriza-se por ser exímio conquistador, mantendo-se em grande destaque de aparências. Sua ação é premeditada e segue uma sequência lógica e ao mesmo tempo curta. Via de regra, os primeiros objetivos são aproximar-se de suas vítimas, torna-se muito acessível a ela parecendo ser a tábua de salvação para todos os seus problemas; age pacientemente envolvendo e causando certa dependência das pessoas em relação à sua falsa acessibilidade, porém, todas estas etapas são friamente pensadas com antecipação.

O ponto máximo de caráter devastador está em abandonar a relação “construída” causando dores e traumas que podem levar a situações extremas como o suicídio, dada tamanha dependência de sua vítima. O fim do relacionamento com um canalha pode trazer ainda como consequência barreiras nas futuras relações.

Muitas mulheres acreditam que, se um homem as apresenta aos pais, é porque são especiais. Conscientes disso, nasceu este espécime voraz, que costuma só transar depois de apresentar a garota aos seus pais. Segundo ele, assim a garota acredita que suas intenções são sérias e capricham. O único problema é que os pais ficam de saco cheio com o fato de apresentar toda semana uma nova garota (NUNES, 2007, p. 28).

O canalha é um ser capaz de tramar um jogo de sedução apenas pelo prazer da carne que age sem o menor senso de sentimento, podendo chegar até mesmo a ser sádico. É o típico agente infame do adultério que não mede nenhuma consequência do ato ao qual se ver em condições de virar às costas a qualquer momento.

1.5.3) Sacanagem

Sacanagem nas normativas linguísticas é um adjetivo usado para representar a ação da pessoa que não tem caráter enquanto que nas relações afetivas seu significado torna-se mais intenso.

Este termo é usado como sinônimo de fantasia sexual. Fazer sexo na sua forma mais elementar, carnal, animal e sem pudor, voltado apenas para o liberal e o êxtase. Explorar os próprios limites e o de sua parceira. Fazer sacanagem é ter a mente aberta, como no tempo das orgias da Roma antiga, sem medo ou remorso. Vale lembrar que, para os homens, é mais fácil encarar uma sacanagem, pois eles não

podem entrar nessa experiência com dúvidas, já que dependem da ereção. Uma mulher ao se deparar com uma proposta sacana deve ficar ligada e ser verdadeira consigo mesma (NUNES, 2007, p. 30).

Na sua forma mais elementar a sacanagem está diretamente relacionada com a prática do adultério e ao mesmo tempo estabelece uma relação de indiferença.

As duas práticas convergem pelo desejo intenso ao sexo. É comum a pessoa sacana mudar completamente seu comportamento durante o envolvimento sexual ficando mais a vontade provocando cada vez mais seu parceiro ou parceira com insinuações estimulantes podendo levar a relação sexual ao ápice do controle corporal como pode torná-lo, como ato, menos significativo que o envolvimento preliminar. Outro detalhe interessante que envolve o sacana é o fato de ele nunca se dá por vencido nem tão pouco se deixa levar pelas ideias de outros, na verdade, para ele a vida torna-se uma brincadeira sem meio ou fim. É como se a cada dia já tenha a certeza de que o mundo lhe assegura momentos prazerosos e quando naturalmente esses momentos não vêm, sabe exatamente o que deve ser feito para provocá-lo.

Se de um lado a condição social de prática proibida do adultério permite que os momentos sejam intensificados pelo desejo em virtude de os encontros serem, quase sempre, em locais isolados; do outro, a sacanagem serve para que o casal busque a maior quantidade possível de realizações criativas e até fantasiosas.

1.5.4) Safadeza

Conversar safadeza é prazeroso no gosto do brasileiro, e nos dá uma sensação de ser conversa de gente experiente. Apesar de ser um nível de diálogo que envolva, ou pelo menos deveria envolver, apenas pessoas adultas a safadeza é responsável por revelar níveis de timidez diferentes, enquanto alguns agem com insegurança e vergonha outros preferem manifestar seu lado extrovertido.

Mesmo não sendo exclusividade feminina, com relação à mulher safada, Nunes (2007) afirma que:

Seu comportamento é seguro sobre o que quer e o que não quer. É ilimitada, sexualmente falando; pode ter seus limites hoje, mas sabe que poderá mudar de ideia e ampliá-los amanhã. Ela nunca diz nunca, e sim talvez para qualquer proposta apresentada pelo seu amado. Pode levar um homem ao altar ou ao suicídio e dificilmente é vista solta por aí sem um cara babando atrás dela (NUNES, 2007, P. 30).

Por essa lógica é notório que o assunto causa espanto pelos tipos de comentários traçados nas rodas de conversa, mas a safadeza também é motivo de muitas risadas quando seu lado jocoso é estimulado principalmente pelos humoristas que também se prevalecem dessa preferência do público para desenvolver suas anedotas e provocar o senso de descontração.

Na prática a pessoa safada sabe exatamente o que faz, com quem faz e porque faz. Trata-se de um exímio artista da vida real capaz de separa sentimento de sensações. É uma pessoa propícia a proporcionar o adultério, pois consegue controlar o nível de envolvimento; geralmente possui um sentimento verdadeiro, mas que nem sempre é posto em prática com a pessoa a qual se declara, ou seja, é capaz de escolher com quem deve adotar seu caráter safado.

Já houve tempo em que a aplicação real dessas definições pareciam específicas ao homem, no entanto, as mulheres também passaram a ser incluídas no contexto a partir do momento em que a família deixou de ser o grande mantenedor da própria sobrevivência, foi quando houve uma expansão considerável nos relacionamentos femininos, até mesmo com outros grupos sociais. Como afirma Giddens (1993):

Os garanhões frequentemente apresentam qualidades intimamente relacionadas com os traços comuns do amor romântico – neste caso, são homem que vão arrebatá-las as mulheres ou cortejá-las com particular fervor, tendo talvez se especializado em fazê-lo. Algumas mulheres – às quais todas essas coisas são muito familiares – poderiam muito bem optar por uma ligação sexual de curta duração na busca de uma excitação ou de um prazer transitórios. Para tais mulheres, o atrativo do galã rapidamente desaparece ou é deliberadamente mantido sob controle. A maior parte das amadas dos galãs não é de modo algum assim! Ao contrário, uma vez iniciado qualquer relacionamento, o mais provável é que fiquem logo profundamente envolvidas. As vidas de tais mulheres são repletas de romances desastrosos ou de envolvimento longos e dolorosos com homens que, de um modo ou de outro, abusaram delas. Resumindo, estas mulheres são co-dependentes, tendo se tornado um lugar comum na literatura terapêutica que a co-dependência – embora de forma alguma limitada às mulheres – é um terreno que de certa maneira descreve o que antigamente se chamava genericamente de “papel feminino” (GIDDENS, 1993, P. 99).

Sendo a safadeza à luz do senso comum algo muito próximo das literaturas na qual ela aparece pode-se dizer que não há um assunto específico dentro da safadeza que possa ser dado maior ênfase. Ocorre que qualquer assunto onde estejam envolvidas relações interpessoais pode-se apimentá-lo com um incremento da safadeza na sua mais vulgar conotação.

1.5.5) Cachorro e Cadela

Trata-se de um dos primeiros termos usados para simbolizar indivíduo que foge aos padrões sociais de comportamento nas relações preestabelecidas. Normalmente a pessoa é estereotipada de “cachorro” ou “cachorra” quando há a quebra de um acordo, seja ele verbal ou não verbal. Somado a este fator há a definição gramatical extraída da zoologia para indicar “animal quadrúpede de criação doméstica, o cão” (AULETE, 2004, p. 126). Na acepção popular, trata-se de um gênero dúbio em suas relações de grupo não exprimindo qualquer confiança daqueles que o cercam, mesmo sendo mesma espécie.

Nas relações humanas a comparação é feita ao animal doméstico, porém com um agravante – trata-se de um ser racional, calculista e capaz de prever as consequências. Mesmo assim age de maneira impropriedade causando prejuízos às relações do cotidiano. Nas duas acepções o termo estende-se ao gênero feminino – como cachorra ou cadela – sem perda alguma de sua carga representativa.

Até a última década do século XX ser chamado de cachorro ou cadela era ofensa gravíssima, devido ao viés pejorativo, mas, o passar dos anos, trouxe mudanças significativas na reação de cada gênero quanto ao estereótipo. Se um homem é chamado de cachorro, na maioria das vezes a reação é parecida com aquela de anos anteriores podendo levar a diversos desfechos comportamentais variáveis do repúdio à expressão até chegar aos atos de extrema violência.

Pelo lado feminino houve um reforço à compreensão desagradável do termo, no sentido de desconsiderá-lo ofensivo, ao contrário, algumas mulheres sentem o ego crescer ao serem tratadas como cachorras, graças à reconstrução da cultura musical do país por meio da aceitação em massa dos ritmos advindos das favelas carioca, principalmente o funk, onde o termo cachorra é usado para representar as mulheres mais bonitas do baile. Assim o fez o grupo Bonde do Tigrão com a música popularmente conhecida como “O baile todo” levando o público em geral ao delírio e às mulheres ao estado de êxtase, apesar de a crítica ter tecido comentários pesados acerca da composição a melodia ficou nacionalmente conhecida.

Só as cachorras
As preparada
As popozudas
O baile todo
Pula sai do chão
Esse o bonde do tigrão
Libera a energia
E vem pro meio do salão

O baile está tomado
 Eu quero ver você dançar
 Tá tudo dominado
 E o planeta vai gritar
 Vou provar que sou tigrão
 Vou te dar muita pressão
 Quando vejo um popozão
 Rebolando no salão
 Não consigo respirar
 Fico louco para pegar
 Melhor tu se preparar
 Que o tigrão vai te ensinar
 Agora é ruim de tu fugir
 Que o tigrão vai te engolir
 Se tu corre por aqui
 Eu te pego logo ali
 E vou lutar até o fim
 Vou trazer você pra mim
 Eu te chamo bem assim.
 (LEANDRINHO, Mc; TIAGUINHO, Mc; JÚNIOR, Vitor; MÃOZINHA, Dj. O baile todo. Disponível em: [www. Vagalume.com.br](http://www.Vagalume.com.br). acessado em: 19 ago. 2012)

Vale ressaltar, mesmo com essas afirmações, que o modismo das últimas décadas não contagiou todas as mulheres e apesar da mudança de comportamento ainda prevalece a cultura da família tradicional.

1.5.6) Piriguete

O termo piriguete já possui significado na língua portuguesa, mas na acepção popular ainda é válida a multiconotação de uso para identificar a mulher conhecida por está sempre na balada. Surgiu em Salvador, Capital do Estado da Bahia e ganhou espaço no cotidiano das demais regiões através da música, onde passou a ser conotado em referência à mulher que se faz aparecer em qualquer lugar que esteja. Ela é sinônimo de extrovertida e apresenta-se como um ser muito sociável capaz de aproximar-se facilmente de um homem demonstrando pouca resistência às suas investidas mais picantes; sabe até que ponto pode resistir para conquistá-lo, permitindo que ele não perceba seu envolvimento. Ela tem total controle de seus atos e sabe fazer com que os homens pensem o mesmo.

A piriguete não tem intenção de cultivar um relacionamento sério. Após atingir seu objetivo com determinado homem, é capaz de afastar-se e, imediatamente, dar início a um novo ciclo com outra pessoa.

Entre os anos de 2008 e 2009 a piriguete passou a ser identificada por todo o país através da difusão, pela mídia, de músicas que adotaram a definição popular como temática.

- Nópa, flagra aquela mina! Mó piriguete, velho.
 - É, Speedy... Se liga nessa ideia aqui então:
 Quando ela me vê, ela mexe,
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Rebola devagar, depois desce
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Mini-saia rodada, blusa rosinha,
 Decote enfeitado com monte de purpurina,
 Ela não paga, ganha cortesia;
 Foge se a sua carteira tiver vazia.
 Vai na Micareta, vai no Pop Rock;
 Festa de axé, ela só anda de top.
 Ela usa brilho, piercing no umbigo;
 Quando toca reggaeton quer ficar comigo?
 Quando ela me vê, ela mexe,
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Rebola devagar, depois desce
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Foto de espelho na exibição;
 Ela curte funk quando chega o verão.
 No inverno essa mina nunca sente frio:
 Desfila pela night com short curtinho.
 157 de marido
 - Ela gosta é de cara comprometido;
 Não tem carro, anda de carona;
 Ela anda sexy, toda guapetona.
 Ela não é amante, não é prostituta,
 Ela é fiel, ela é substituta,
 Quando ela me vê, ela mexe,
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Rebola devagar, depois desce
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Em governador, lá em Salvador,
 Rio de Janeiro, Santos e Belô.
 Todo mundo já cohece
 E sabe o que acontece
 Quando vê a gente ela se oferece
 Mexe o seu corpo como se fosse uma mola.
 Dedinho na boquinha, ela olha e rebola.
 Chama atenção; vem na sedução.
 Essa noite vai ser quente
 E eu vou dar pressão
 Quando ela me vê, ela mexe,
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 Rebola devagar, depois desce
 Piri, piriri, piriri, piri, piriguete.
 (PAPO, Mc. Piriguete. Disponível em: [www. Vagalume.com.br](http://www.Vagalume.com.br). acessado em: 22
 ago. 2012)

Pelas características apresentadas na citação acima, fica ainda mais evidente que a mulher periguete já teve outra denominação bastante eloquente – a sirigaita – que na sua essência trata-se da figura feminina conhecida como a mulher desinibida para a relação de namoro.

Interessante é que a piriguete quase sempre não é bem vista pelo público feminino e, muitas vezes nem mesmo com o masculino consegue estabelecer uma relação confiável

1.5.7) **Perua**

É muito comum encontrar essa “perua” nos mais diversos ambientes, pois trata-se da “mulher que se veste e age espalhafatosa e pretensiosamente elegante” (AULETE, 2004, p. 614), isso nos remete à ideia de ser aquela que está fora dos padrões de elegância esperados para determinada ocasião no intuito de atrair atenção e cortejo através das vestimentas.

A comparação ao animal de mesmo nome surgiu na década de 60 em São Paulo através de uma peça teatral em que uma de suas personagens subia ao palco cheia de purpurina e todos que a tocassem render-se-iam aos seus encantos e, em um dos atos da peça, virava de costas para o público e abria seu vestido colorido assumindo uma forma muito similar a de um leque parecido ao da perua não conseguindo passar despercebida.

Exatamente o caráter de chamar atenção a envolve na discussão acerca do adultério. Entende-se que para uma relação extraconjugal onde a mulher ocupa a figura da amante de alguma maneira ela precisa estar presente para conseguir seduzir e preencher a mente do homem que ao conquistá-la sente-se como um vencedor premiado com um troféu.

São as mulheres famosas e as celebridades. Podem ser também aquelas com grandes qualidades visuais (gostosas) ou sociais. Recebem tratamento especial dos homens, que costumam ir administrando a situação, mesmo com carinho. Esse tipo de mulher as vezes é denominada cadastro especial (NUNES, 2007, P. 23).

Na sociedade brasileira é muito difícil definir um perfil para enquadrar a mulher perua. Em geral trata-se da mulher que passou dos 30 anos, mas não aceita as condições naturais de mudança na fisionomia e tentam suprir essa carência de forma artificial para manter-se em alta nos meios ao qual frequente. Na visão de Eduardo Nunes (2007, p. 28): “é a mulher que se utiliza das cores e dos apetrechos para fugir aos padrões de um grupo social”. Ela está presente em todas as classes, sua definição de idade é pluralizada assim como suas ações são bastante conscientes.

1.5.8) **Corno(a), chifrudo(a)**

Vários são os termos que fazem alusão ao adultério, mas não há nenhum outro capaz de aguçar os ânimos tanto o quanto o corno e o chifrudo. Esses dois chegam a ser considerados pelo senso comum como grave ofensa ao pudor. Eles estão atrelados ao

cotidiano de tal forma que podem e devem ser analisados sob a condição de vícios de linguagem.

O *corno* e o *chifrudo* como ser figurado conhecido Brasil adentro são mencionados para expressar referência pejorativa ao homem e a mulher que em algum momento teve seu parceiro ou parceira em envolvimento carnal com outra pessoa. A pessoa traída é dita cornuda ou chifruda, corno ou corna.

A relação existente entre o corno do senso comum e o da biologia vai além dos significados históricos.

Uma versão brasileira para a comparação afirma que os homens pelo cuidado e trato dos animais, ao perceberem que o boi perdedor (vítima da chifrada) ficava sem o território e sem as vacas daquele território, logo teriam comparado o homem traído ao boi chifrado e, por sua vez, associado o chifre ao traído.

Existe ainda uma concepção mitológica referente ao Deus Zeus que frequentemente traía sua esposa Hera e para que ela não percebesse sua passagem ele usava uma máscara com dois enormes chifres.

Ainda no aspecto mitológico a expressão representava o ser muito rico com abundância em gêneros da agricultura.

O senso comum se prevaleceu do corno mitológico que expressava grande produção frutífera para compara-lo ao marido da mulher adúltera, pois através de sua relação com outro que não fosse seu homem as possibilidades de sua família aumentar eram bem maiores. A ideia recebeu reforço quando se tratava de casais que não possuíam filhos homens, logo sua produção ficaria estagnada (KAHN, 1983, p. 449).

Em sua essência, a palavra corno faz parte da anatomia de alguns mamíferos e representa um prolongamento sobre a cabeça. É o caso de bovinos, bubalinos, caprinos.

O processo evolutivo de consagração da riqueza transcendeu à produção agrícola fazendo surgir uma concepção complementar de que não bastava ter grande produção de gêneros advindos da flora, mas a pecuária também seria mensurada como potencial indicativo de riqueza. Da mesma forma como se adotou a designação de corno, o chifrudo representava a pessoa detentora de grande quantidade de cabeça de gado. Com o lapidar das expressões passou a se chamar de chifrudo a quem possuísse esse tipo de riqueza.

Literalmente os maiores chifres pertencem ao *Bull* africano, um animal que apesar de ter aparência assustadora é dócil e calmo; lembrando a personificação do “*corno manso*”, mas um estereótipo (esse atribuído popularmente à pessoa que é conhecedora da própria traição e muito pouco ou nada faz no sentido de impedi-la).

Desde que passou a ser usado no sentido metafórico e ofensor, na acepção popular, apontando para um patamar inferior das relações humanas, a expressão traz consigo carga de revoltas, sendo considerada ponto inicial de grandes lutas, brigas, processos judiciais e muitas vezes até mortes; mesmo porque no cotidiano as metáforas envolvendo palavras de duplo sentido quase sempre são usadas naquele que mais causa sensações de toque provocante na intimidade.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, devemos ressaltar que o adultério adota, ainda, algumas expressões sinônimas, tanto para homens quanto para as mulheres. Para eles dizemos ainda que sua mulher está “costurando para fora”, “foi dar marmita”, “saiu como o Ricardão”; para as mulheres, dizer que seu companheiro foi “visitar a filial” também incide sobre a prática adúltera.

1.6 – Adultério do ponto de vista jurídico brasileiro

Desde o início dos tempos para a humanidade a vida em grupo pode ser encarada como essencial para o crescimento do indivíduo. Ao longo dos séculos essas relações foram sendo estabelecidas e modificadas de acordo com os interesses comuns, porém, em qualquer sociedade sempre houve os que protelam pelo conservadorismo cultural defendendo fielmente a imutabilidade, ou seja, para eles é preferível não mexer na forma em que as relações se dão, surgindo aí um grande desafio para a ciência – as maneiras como essas relações acontecem sem desprezar o caráter temporal.

Os filósofos mais antigos, como Aristóteles, já apontavam para necessidade de homens e mulheres tornarem-se seres sociais. A partir dessa carência foram estabelecidas involuntariamente às relações e a partir delas o passo seguinte foi a percepção dos seres humanos de que a constituição familiar era inerente à sua espécie e que com ela certamente surgiriam os laços amorosos como elementos fortalecedores do caráter grupal pela ação do indivíduo.

Desde o trono de Deus até a mais ínfima criatura, tudo no mundo é amor... no homem (geralmente falando) é uma inclinação da vontade para o que lhe parece bem, ou por via do entendimento, que assim o julga, ou pelas potências e sentidos externos que assim o representam. Destas duas fontes de amor se derivam outros muitos amores, a saber, amor de complacência, e que consiste em querer, por querer, e por amor do próprio bem amado e não por outra razão. Amor de concupiscência é querer bem em ordem ao bem, conveniência ou gosto de quem ama. Amor de benevolência é querer bem para bem da pessoa amada (D'INCAO, 1989, p. 32).

Consolidadas as diferentes formas de relações humanas, ainda que de maneira inconsciente, as prerrogativas egocêntricas prevaleciam dentro de alguns grupos configurando um processo retrógrado ao princípio da evolução social. Daí a necessidade de constituir elementos capazes de definir o papel social de cada ser ou de cada elemento participante daquele conjunto. Surgem, então, as primeiras formas de controle social que, Ainda sem grandes definições, eram mantidas pela oralidade. Só depois de décadas passaram a ser feitas escrituras para registro das limitações individuais ou de grupo.

A partir desses registros cada sociedade adotou um sistema próprio de estruturação das normativas por meio de manuais jurídicos em linguagens específicas para que as famílias e os grupos seguissem em prol do melhor ordenamento social.

Traçando perspectivas históricas das legislações acerca da formação e organização familiar até os dias atuais veremos que se trata de um processo bastante complexo, pois cada mudança proposta ou imposta houve contraposições e, com o advento da democracia tornou-se bastante complexo encontrar termos mediadores de conflitos. De tantas buscas pelo equilíbrio e equidade social a Constituição Federal brasileira de 1988 logo no caput do artigo 5º expressa o seguinte texto:

Art. 5. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

O texto constitucional nos remete ao ideal de organização em que os atos sejam generalizados, no entanto, ainda que em outros Essa mesma lei enfatize a liberdade em outros princípios é paradoxal ao analisarmos o matrimônio pela ótica jurídico-social, uma vez que a justiça dos legisladores nem sempre contempla plenamente os anseios da sociedade. Além de que não poderiam os poderes vigentes compreender individualmente os aspectos subjetivos – sentimento, fidelidade, companheirismo – de cada componente populacional de uma nação tão grande como o Brasil.

O matrimônio do ponto de vista jurídico deve ser compreendido apenas pelo viés material sendo deixadas para outros campos científicos as análises do campo sentimental. Dessa forma as relações extraconjugais compreendem parte dos eventos familiares possíveis de serem estudados tanto pelas ciências sociais como pelas jurídicas.

Há uma prática cada vez mais aceita pela sociedade que é o adultério explícito. Muitos homens permanecem casados, porém mantêm suas amantes e vivem com elas como se

casados fossem. Muitos andam com suas amantes publicamente, expondo suas esposas e filhos (PALHETA, 2010, p. 63).

A crise pela qual passa a instituição casamento é retrato de um conjunto infinito de fatores, moral, mudança de comportamento, destrato conjugal, necessidade trabalhista que obrigam pesquisadores a reordenar seus conceitos acerca das relações envolvendo a vida a dois. Os ordenamentos jurídicos tiveram que adaptar-se aos parâmetros dessa nova organização. Apesar dos conflitos modernos, a família ainda é considerada a mais importante das instituições sociais. Diante da característica contemporânea de família, a justiça procurou atualizar-se quanto aos anseios de mulheres e homens na busca pela harmonia e, se esta não for possível devido à falta de cumprimento do papel conjugal de qualquer uma das partes é cabido o pedido de anulação ou de separação judicial. De acordo com a Lei número 10.406 de 10 de janeiro de 2002 que estabelece o atual Código Civil Brasileiro:

Art. 1.556. O casamento pode ser anulado por vício da vontade, se houve por parte de um dos nubentes, ao consentir, erro essencial quanto à pessoa do outro.

Art. 1.557. Considera-se erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge:

I - o que diz respeito à sua identidade, sua honra e boa fama, sendo esse erro tal que o seu conhecimento ulterior torne insuportável a vida em comum ao cônjuge enganado;

II - a ignorância de crime, anterior ao casamento, que, por sua natureza, torne insuportável a vida conjugal;

III - a ignorância, anterior ao casamento, de defeito físico irremediável, ou de moléstia grave e transmissível, pelo contágio ou herança, capaz de pôr em risco a saúde do outro cônjuge ou de sua descendência;

IV - a ignorância, anterior ao casamento, de doença mental grave que, por sua natureza, torne insuportável a vida em comum ao cônjuge enganado.

Art. 1.558. É anulável o casamento em virtude de coação, quando o consentimento de um ou de ambos os cônjuges houver sido captado mediante fundado temor de mal considerável e iminente para a vida, a saúde e a honra, sua ou de seus familiares.

Art. 1.559. Somente o cônjuge que incidiu em erro, ou sofreu coação, pode demandar a anulação do casamento; mas a coabitação, havendo ciência do vício, valida o ato, ressalvadas as hipóteses dos incisos III e IV do art. 1.557.

Casos de infração aos deveres conjugais tem aumentado substancialmente nas últimas décadas. A diversidade de formas tais quais essas infrações são acometidas também tem variado bastante nesses anos, por exemplo, os relacionamentos extraconjugais ocorridos através da Rede Mundial de Computadores.

Na maioria dos casos em que as infrações graves atingem um dos lados da relação, este procura refúgio nas leis e geralmente provoca o divórcio litigioso. Levantamentos da justiça comprovam que um dos principais agentes desses processos são os casos de adultério.

A fidelidade, considerada um dos pilares da união matrimonial, é abalada drasticamente quando um dos membros do casal passa a manter um relacionamento

extraconjugal, caindo no adultério que pode ser considerado caso de impossibilidade de permanência da união matrimonial, ainda conforme o Código Civil Brasileiro, lei nº. 10.406 de 10 de janeiro de 2002.

Art. 1.573. Podem caracterizar a impossibilidade da comunhão de vida a ocorrência de algum dos seguintes motivos:

- I - adultério;
- II - tentativa de morte;
- III - sevícia ou injúria grave;
- IV - abandono voluntário do lar conjugal, durante um ano contínuo;
- V - condenação por crime infamante;
- VI - conduta desonrosa.

Parágrafo único. O juiz poderá considerar outros fatos que tornem evidente a impossibilidade da vida em comum.

Pode ocorrer do cônjuge aceitar a prática adúltera, nesse caso descaracteriza a impossibilidade da união matrimonial, ficando a critério do casal definir que medidas tomar, desde que estas não infrinjam as leis vigentes.

Nos casos previstos na Legislação brasileira, as medidas, quase sempre, são estabelecidas no sentido de fazer uma correção amena, se comparada a outros momentos históricos. Veja o que estabelecia o Código de Hamurábi: Se a esposa de alguém é encontrada em contato sexual com outro, se deverá amarrá-los e lançá-los n'água, salvo se o marido perdoar à sua mulher e o rei a seu escravo.

Mas afinal de contas existem muitas discussões sobre o que pode ser considerada prática adúltera do ponto de vista judicial de acordo com nossas Cartas Regentes, haja vista as possibilidades de constituição de um núcleo familiar, mesmo sem o chamado casamento civil.

1.7 – Bases conceituais sobre adultério

No caminho oposto à fidelidade encontramos o adultério como prática imoral aos olhos das sociedades monogâmicas.

O conceito de fidelidade varia de pessoa para pessoa, dependendo de seus valores e de sua criação. Consequentemente, a traição também é um conceito relativo a cada um. Como não poderia deixar de ser, entre homens e mulheres também cada um tem sua forma de ver. É bom sempre ter certeza disso e lembrar-se de que a lógica masculina é, geralmente, inversa da feminina. Portanto, não cometa o erro primário de avaliar um homem pela perspectiva das mulheres e vice-versa (NUNES, 2007, p. 66-67).

Com base nessa informação teremos que confrontar os novos vieses apresentado pela sociedade contemporânea brasileira onde o casamento é monogâmico, recaindo no princípio da fidelidade conjugal por toda a vida. Se de um lado a prática adúltera, nesse modelo de relacionamento acomete indefinidos desfechos, caso o outro cônjuge aceita à condição instaurada pelo nubente à caracterização desse critério fica vazia, constituindo o evento como prevalência da continuidade familiar.

Nos relacionamentos extraconjugais a sociedade costuma julgar adultério como sinônimo de infidelidade e de traição. De fato, há uma correlação entre eles, mas isso não significa que tenham sempre o mesmo significado.

De acordo com o Dicionário Kury (2001) uma das definições dada para “infidelidade” é a “falta de respeito, de fidelidade àquilo com que se deveria estar comprometido”. E também como sendo um conjunto de “ações infiéis, traição; adultério”. Já a palavra “traição” que é conceituada como “infidelidade no amor”. Por último o “adultério” é, “infidelidade conjugal imposta ao cônjuge pelo contrato matrimonial”. E ao mesmo tempo é tido como infidelidade estabelecida por uma relação carnal com outro(a) parceiro(a) que não seja o habitual.

As razões diretas pelas quais esse sistema familiar se efetivou no Brasil são históricas. Durante o confuso processo da colonização brasileira só eram “bem aceitos” por aqui pessoas vindas de Portugal ou pelo menos de outro país onde se protelassem as fundamentações do Cristianismo como religiões predominantes. Do contrário poderíamos pertencer à outra cultura onde se aceita a poligamia, é o caso de vários países da Ásia e da África.

Modernamente, o casamento tem sido visto pela sociedade como uma instituição importante, porém não essencial. Tanto na esfera jurídica como na religiosa, o casamento é alvo de reflexões constantes. Em alguns momentos históricos é visto como divino, em outros, como algo perfeitamente humano e natural. Entretanto, essa instituição sobrevive e, em nosso entendimento, contrariamente ao que muitos acreditam, vem se fortalecendo a cada dia (PALHETA, 2010, p. 23).

O casamento da maneira como é idealizado pela sociedade monogâmica chega a ser uma instituição perfeita, pois preconiza a convivência harmoniosa pelo resto da vida dos nubentes. Porém, ainda que seja difícil aceitar, sempre houveram tentações que o flexionaram, dentre elas o adultério assume o ápice da pirâmide gerada pelas causas de reorganização familiar desde as primeiras constituições nucleares; “entende-se por adultério a prática voluntária de relações sexuais com pessoa pertencente ao sexo oposto que não seja o cônjuge” (VENOSA, 2007, p. 232). Em uma visão mais contemporânea existem diversas outras formas

de o adultério ser acometido, como o relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo ou até mesmo sem que haja envolvimento sexual e, mais recentemente, com o advento da internet, o contato físico também deixou de ser condição essencial para caracterizar a prática adúltera. Há que se considerar o chamado quase adultério que corresponde à divulgação de atos de aproximação amorosa, ou apenas carnal, entre um dos cônjuges e uma terceira pessoa ocasionando mudanças significativas na estrutura familiar.

1.8 – Adultério como espetáculo artístico

Falar das relações entre seres e meio é dar ênfase a enorme capacidade que eles tem de comunicar-se.

Comunicar-se, segundo Hironaka (1999, p. 12) é “estabelecer comunicação, entendimento, convívio”. Dessa forma esse ato é um dos fatores primordiais para a perpetuação das relações humanas. Porém esse entendimento dificilmente é unânime e harmonioso, ou seja, na estrutura do grupo pode haver interpretações distintas para um mesmo fenômeno, permitindo o surgimento do grande dilema da comunicação, estabelecer parâmetros unilaterais para um mesmo evento; uma das consequências dessa dicotomia foi o fortalecimento dos meios de comunicação de massa. Como o nome sugere aqueles capazes de atingir, ao mesmo tempo, dezenas e até milhares de pessoas através de seus elementos concretos ou por meio de espetáculos preparados intencionalmente.

Quanto a informação concreta contida em uma mensagem, as possibilidades de múltiplas interpretações são minimizadas; o maior desafio é o equilíbrio d opiniões quando a mensagem é preparada racionalmente e treinada para que pareça perfeita. Nesse último caso, ainda que as opiniões se aproximem os porquês certamente divergirão.

Por exemplo, veja o que nos sugere Brandão e Duarte (2004) ao abordar as mudanças de hábitos:

A produção cinematográfica dessa década é uma reação à nova investida da tevê: multiplicação dos videocassetes, videogame, antenas parabólicas, televisão a cabo etc. Com isso, instaurou-se uma nova tendência de culto ao lar sob a roupagem da moderna tecnologia, tirando, cada vez mais, o público do cinema. Os produtores cinematográficos se viram, então, na obrigação de lançar novas estratégias de impacto visual para atrair os telespectadores que se acomodavam às facilidades do controle remoto e outras novidades televisivas. Era preciso oferecer algo que ele não pudesse obter, pelo menos por enquanto, na telinha de tevê, com seus “fantasmas”, sua indefinição de cor e sua imprecisão de formas (BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 122).

Com tantas mudanças ocorrida, principalmente na segunda metade do século XX, alguns comportamentos fatídicos, até então mascarados, começaram vir à tona sendo reproduzidos pela dramaturgia como elemento corriqueiro da vida real. Tomaremos um desses elementos como exemplo, o adultério, o qual está presente em quase todas as tramas do meio literário.

Assim como na esfera pública, a distância entre os ideais e a realidade é considerável. Particularmente no terreno das relações heterossexuais há profundas fontes de tensão. Colocam-se no caminho profundas diferenças psicológicas, e também econômicas, entre os sexos. Mas aqui o utopismo pode mais uma vez ser prontamente compensado pelo realismo. As mudanças que ajudaram a transformar os ambientes da ação pessoal já estão bem avançados, tendendo para a realização das qualidades democráticas (GIDDENS, 1993, p. 206).

A pesar de exigir bastante cautela na forma como estiver sendo repassada, o adultério é uma das temáticas que mais comove o público, por essa razão as tramas produzidas conseguem manter a fidelidade do espectador com o auxílio daquela história de adultério que pode ser engraçada, dramática e muitas vezes com desfecho trágico, esse é o adultério que traz diversão com beleza e aplicação técnica dependendo do nível de pessoas a serem atingidas.

O adultério tratado como espetáculo, então, é aquele em que prevalece a interpretação por um conjunto de pessoas personificadas representando aquilo ou aquele que a plateia espera encontrar em determinado ambiente. Da mesma forma o adultério é acometido de modo que os envolvidos não mostrem suas reais personalidades, camuflando-se em máscara para viver o papel da própria vida sem serem reconhecidos. O contraditório é que no ato encenado prevalecem os papéis limitados, bem definidos e ensaiados, com hora certa para acontecer cada cena enquanto que no ato adúltero do mundo racional não há trilha sonora nem jogo de luz, os espectadores são os filhos e demais familiares tendo que sobreviver entre os princípios morais do grupo e os fetiches carnais do casal que procura o equilíbrio emocional.

ADULTÉRIO À MODA LARANJALENSE: SOBRE PONTES E AVENIDAS

2.1 – Uma análise sociológica do aspecto populacional da cidade de Laranjal do Jari

Devido a sua grande extensão territorial, Laranjal do Jari ocupa uma grande porcentagem das porções sul e oeste do Amapá, tendo como principais vias de ligação aos demais municípios os meios de transporte aquáticos e terrestres. Sua sede administrativa dista aproximadamente 300 quilômetros da cidade de Macapá, seguindo pela BR 156, em direção ao sul do Estado, o que se torna uma distância média para os padrões regionais, haja vista às más condições de conservação da malha viária; por outro lado, essas dificuldades podem favorecer pessoas intencionadas a condutas dúbias, conforme os moldes da sociedade brasileira, pois torna-se mais complexa a revelação da sua índole.

Esse potencial mistificado em relação à cidade de Laranjal do Jari ainda é aos olhos do povo – desconhecedor da realidade local – o ponto de encruzilhada entre os extremos: paraíso, aos que buscam estabelecer relacionamentos poligâmico e, conseqüentemente, um ponto do purgatório para a estrutura familiar tradicional.

O Município de Laranjal do Jari concentra em seus 30.971,775 km² de área uma grande pretensão latifundiária da segunda metade do século XX, a qual é estudada por diversas vertentes científicas como parte do projeto de integração nacional e proteção das regiões de fronteiras. Projeto este lançado durante o período da ditadura militar, um dos momentos de maior euforia e anseios da sociedade brasileira. A proposta inicial partiu do milionário norte americano Daniel Keith Ludwig quando a divisão política do então Território Federal do Amapá apresentava maiores perspectivas geopolíticas no sentido de defesa limítrofe estando longe da atual configuração, haja vista as incansáveis políticas para inserção do Estado no cenário nacional. O investidor pretendia instalar no meio do maior domínio florestal do planeta uma mega estrutura capaz de gerar exorbitantes lucros advindos das riquezas minerais e vegetais da região. Ele se consagrou com a chegada de uma balsa que comprara do Japão estruturada como fábrica flutuante para o beneficiamento parcial da celulose e também adaptada a uma usina termoeletrica que foram instaladas à margem direita do Rio Jari.

Evidentemente a promessa de desenvolvimento regional tornou-se atrativa para pessoas das mais diversas regiões do país e até do exterior. Nos anos que se seguiram a população residente às proximidades do empreendimento aumentou geometricamente. Dessa forma a organização do espaço urbano precisou ser readequada à realidade regional já que a

acidade crescia a partir da margem esquerda do Rio Jari em direção à terra firme favorecendo o surgimento da maior favela do país construída sobre palafitas, rendendo o apelido de Beiradão. Há poucos quilômetros dali, seguindo pelo mesmo lado do rio, outra vila surgia com características muito semelhantes e fora chamada de *Beiradinho* que mais tarde viria se emanciparem como Município.

Quando se fala de Laranjal do Jari imediatamente associamos ao fenômeno da instalação daquele empreendimento, porém o que muitos não sabem é que a Jari Celulose (JACEL) e a Caulim da Amazônia (CADAM) estão instaladas na Vila Munguba, no Estado do Pará e que tanto Laranjal como Vitória do Jari não fazem parte de seus Projetos iniciais. Apesar de serem as maiores fornecedoras de mão-de-obra para as empresas principais e suas subsidiárias, Ludwig pensou na Vila Planalto e na cidade de Monte Dourado como company tow de suporte para o empreendimento.

Beiradão foi se destacando na porção sul do Estado ao ponto da administração pública entender que se fazia necessário redimensionar à gestão regional e em 06 de dezembro de 1987, através da Lei 7.639 o governo emancipou a cidade elevando-a a categoria de município.

Outra transformação na história recente do Município de Laranjal do Jari ocorreu no ano de 2002, quando por meio de Decreto Federal, grande parte de seu território fora transformado em área de proteção ambiental, através da criação do Parque Montanhas do Tumucumaque. Esse fato tem refletido diretamente nas possibilidades de crescimento da região, haja vista a dificuldade de expansão territorial habitável obrigando o cidadão e a cidadã laranjalense a manter-se concentrado na sede administrativa e, evidentemente, aumentando sua densidade demográfica pondo-a em condição desconforme com a área global do território municipal.

Tabela 1

Demografia do Município de Laranjal do Jari

População residente		Percentual
Na zona urbana	37.904	94,9
Na zona rural	2.038	5,1

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2010.

No entanto é crucial que compreendamos alguns antecedentes históricos para, posteriormente analisarmos a atual formação sociocultural da cidade que abriga 94,9% da

população do terceiro maior município mais populoso do Amapá segundo o censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010.

Traçando em miúdo as especificidades de Laranjal do Jari, podemos notar com muita propriedade que seu crescimento urbano ocorreu a partir dos anos finais da década de 60, quando Governo Federal concedeu autorização para o uso das terras em prol do desenvolvimento regional. Ludwig já empregava mais de 20.000 pessoas em sua vida empresarial. Isso gerou no povo brasileiro, principalmente o nortista e o nordestino, a expectativa em conquistar um posto de trabalho, conseqüentemente o fluxo de pessoas para as áreas do entorno do Projeto acentuou-se bastante ao ponto de os moradores mais antigos proporem, segundo o senhor Antonio Maria, residente em Laranjal do Jari desde 1943, que fosse feito um controle de entrada e saída de pessoas na cidade. Segundo a mesma pessoa a ideia foi levantada por moradores de Monte Dourado.

Mas a vila, dizia o administrador de Monte Dourado, coronel José Aragão, “sempre significou um problema diante das boas condições de nossos (da Jari) acampamentos, pela falta de higiene, pela promiscuidade forçada de seus moradores, pela presença constante de elementos estranhos à Jari obrigando a frequentes intervenções do Destacamento Policial, e pelo grande número de “regatões” e “marreteiros” que ali comparecem para comércio clandestino, os quais representam uma permanente a desvios e pequenos furtos de material da Empresa” (PINTO, 1986, p. 87).

Aquele medo ascendente era que Laranjal do Jari e regiões circunvizinhas se tornassem polo atrativo para pessoas com padrão social “inferior“ aquele pensado quando da implantação do Projeto.

O que se percebe pelos relatos históricos daquela época é uma acentuada disputa pelo domínio da região. De um lado as pessoas em busca de emprego e do outro, empresas procurando selecionar quem de fato era merecedor de constituir seus quadros funcionais e, conseqüentemente, se tornar morador; eis que surge o contraponto em relação ao planejado, as pessoas excluídas dos postos de trabalho acabaram por construir submoradias e fixando residência na esperança de um dia fazer parte do quadro funcional de alguma empresa na região, mas enquanto esse dia não chegasse era preciso encontrar meios para o sustento familiar que se tornava cada vez mais dificultoso, era crucial encontrar alternativa de sobrevivência. Muitas vezes sem condições financeira de retornar aos seus locais de origem a opção que lhes parecia mais segura foi investir no comércio varejista que se fortalecia em expansão dia após dia.

Por outro lado há que se ressaltar que paralelo ao comércio varejista também cresceu intensamente a quantidade de bares, botecos e casas de prostituição.

Por aqui não se conseguia dormir: era barulho de música, pessoas que passavam a noite inteira bebendo pelos bares, são mulheres gritando palavras de baixo escalão, homens e mulheres que querem fazer sexo durante a noite e até mesmo no decorrer do dia. Elas se vestem com pouca roupa só para se oferecerem aos homens que pagam de todo jeito: com bebida, droga, dinheiro, cigarro. Aqui tem de tudo que não presta e nossos filhos tem de conviver nesse meio já que a gente não tem condições de ir pra outro lugar (A. A. da Cruz, autônomo, 76 anos, Laranjal do Jari).

O morador revela o quanto foi difícil adaptar-se àquela condição de vida imposta-lhe pelo próprio destino durante as décadas de implantação dos Grandes Projetos.

Os reflexos de toda essa construção social são sentidos até hoje pelos moradores da atual Laranjal do Jari sendo que alguns encararam a triste realidade do passado como estímulo para progredir enquanto outros preferiram adaptar-se a ela e torná-la natural ao seu cotidiano.

2.2 – A presença do adultério em Laranjal do Jari

Pela herança de sua história e de sua formação sociocultural costuma-se atribuir a Laranjal do Jari diversas características capazes de fazer transparecer que ela é uma cidade onde as mazelas obrigam seus moradores a conviver constantemente com práticas vertiginosas e que por vários motivos são dependentes dessas atitudes para a própria sobrevivência. Tomemos o adultério não como único, mas como exemplo dessa imagem.

O adultério existe praticamente em todos os lugares, acredito que em Laranjal do Jari os índices são altos devido a sua formação populacional. Para cá vieram pessoas das mais diversas partes do país e até do estrangeiro em busca de melhorias nas condições de vida. Naturalmente por se tratar de empresas privadas os riscos do desemprego eram eminentes e, quando aconteciam, muitas dessas pessoas retornavam a seus lugares de origem, deixando muitas vezes uma família desestruturada e exposta aos mais distintos riscos sociais e pessoais, conseqüentemente aumentaram os casos de adultério, prostituição, violência, mas tudo isso depende da escolha do parceiro ou da parceira (Vera O. S. S, enfermeira, 36 anos, Laranjal do Jari).

Apesar de salientar o adultério como elemento incomum a Laranjal do Jari, a moradora reconhece um índice elevado de casos de adultério na cidade e elenca uma cadeia cronológica de fatores capazes de terem dado origem ao que a cidade pode ter de diferente em relação a maioria dos lugares. No entanto, a moradora não salienta com precisão o que pode haver de diferente entre o adultério tal qual é praticado naquela cidade em relação às demais, mostrando que de um lado está a opinião externa baseada em fatos do cotidiano e do outro

uma realidade construída com os elementos sociais através da temporalidade e que, por enquanto não foge aos padrões habituais das relações afetivas heterossexuais, estando ela pautada em na abstração de uma boa escolha.

Acho que aqui em Laranjal do Jari o adultério é do mesmo jeito que em outros lugares, o que pode haver de diferente é que aqui tem gente de todo canto do Brasil e essas pessoas que a gente não conhece, chegam, envolvem-se e começam a viver juntas antes de ter certeza do que estão fazendo e quando se dão conta, o casamento está por um fio daí vem a traição que, volto a dizer, não tem nada haver com a cidade em si, mas sim do caráter das pessoas que se envolvem umas com as outras (T. J. Castro, comerciante, 40 anos Laranjal do Jari).

Percebemos, como os moradores apontam outros fatores para o adultério tal qual é praticado em Laranjal do Jari e não simplesmente a ideia de lugar propício.

No livro “Amor e família no Brasil”, organizado por Maria Angela D’incão, são apontadas a escolha de parceiros e parceiras como fator que pode determinar o sucesso ou fracasso em uma relação:

A homogamia regia as escolhas de parceiros. Por um lado, uma visão de mundo ligada à crença de uma ordem social estratificada e estável considerava o par ideal aquele que, tendo os mesmos valores, interesses e gostos, estava mais próximo e podia se considerado um “igual”. Por outro, a indissolubilidade do matrimônio estabelecida pela Igreja era forte argumento para uma escolha pensada, madura, apoiada pelo princípio de igualdade que, no dizer dos discursos moralistas, aumentava a probabilidade de sucesso de casamento (D’INCÃO, 1989, p.89).

De fato o adultério está presente em Laranjal do Jari, onde 86% dos entrevistados afirmaram serem conhecedores de casos ainda com desfecho por vir.

2.3 – O adultério sob a ótica do senso comum em Laranjal do Jari

Para as sociedades monogâmicas o adultério é uma questão social que gera um problema moral muito aquém das virtudes de cidadão ou cidadã decente, no entanto mesmo entre os grupos que adotam essa concepção afetiva há variações que vão da exclusão pacífica até o extremo da vida, por exemplo, na maioria dos países asiáticos a prática adúltera, advinda da mulher, pode ser punida com a morte; as correntes cristãs, no entanto, afirmam que através do arrependimento, por meio do pedido de perdão a pessoa se liberta de todos os seus pecados e, dessa forma os relacionamentos mais profundos vão sendo construídos, mas na iminência dos fatos os povos latinos americanos, segundo Kahn (1983, p.182) é os únicos que perdem a cabeça quando descobrem que seu cônjuge ou amante está sendo infiel.

Sei o quanto é dolorido, já estive do lado traído, já fui o traidor. Quando a gente tá traindo dá a sensação de que ninguém vai descobrir e se isso acontecer, dá pra resolver com uma boa conversa. O problema é quando se descobre que o marido tem outra, que passa mais tempo com ela do que com você. Eu fiquei “cega” me deu vontade sair batendo em tudo que tinha pela frente. Descontei na minha filha mais nova que ainda não compreendia nada. Agindo assim eu não consegui esconder minha fúria e em pouco tempo parecia que todos os vizinhos me apontavam: alguns com ar de pena e outros de deboche. Eu sentia que lá no fundo aquelas pessoas só me machucavam mais. Você imagina o que é sentir que todas as pessoas estão lhe chamando de corna, de chifruda? (M. O. C, dona de casa, 48 anos, Laranjal do Jari).

As verdades dos moradores quanto aos casos de adultério existentes na cidade ainda não podem ser questionadas com maior exatidão pelas ciências aplicadas devido a inexistência de um parâmetro oficial que mensure estatisticamente esse ato. Por outro lado também é perceptível um certo exagero, por parte dos moradores e dos visitantes quanto aos quantitativos de casos conhecidos. Tomemos por base os resultados da aplicação de 68 questionários contendo, dentre outras, a seguinte pergunta: Você conhece algum caso de adultério que esteja acontecendo em sua família ou vizinhança?

Tabela 2

Respostas à pergunta: Você conhece algum caso de adultério que esteja acontecendo em sua família ou vizinhança?

Respostas Nível de conhecimento	Com alguns detalhes	Sem detalhes	Total
Sim. Apenas na família	7,5%	1,5%	9,0%
Sim. Apenas na vizinhança	12,0%	5,0%	17,0%
Sim. Na família e na vizinhança	48,5%	12,0%	60,5%
Não conhece	-	-	13,5%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

Pela tabela II, percebemos que 86,5% das pessoas pesquisadas são conhecedoras de casos de adultério praticado a sua volta de onde se pode deduzir que as possibilidades de estabelecer uma relação extraconjugal às escondidas em Laranjal do Jari são muito pequenas. Veja o reforço pelo depoimento de um morador:

Meu vizinho mais próximo, da direita, consegue manter um relacionamento extraconjugal há quase três anos, sendo que aqui na rua todos sabem... só a mulher dele age inocentemente servindo de mangação nas rodadas de conversa entre os demais moradores já faz algum tempo. Por aqui as pessoas não tem vergonha de trair. Basta você ir até uma casa noturna, uma praça, em qualquer lugar, até mesmo dentro das igrejas você pode observar facilmente pessoas acompanhadas de amante e se expondo sem o menor pudor (A. do Braço, comerciante, 35 anos, Laranjal do Jari).

Comentários dessa magnitude foram comuns entre as pessoas que colaboraram prestando informações; remetendo-nos a afirmar que na possibilidade de a prática adúltera não divergir proporcionalmente às demais cidades, por outro lado, nas ocorrências os partícipes não conseguem manter o sigilo do envolvimento.

Transportando o grau de conhecimento externo sobre as relações extraconjugais para se próprio, é pertinente a dedução de que o agente da ação adúltera sabe quão seu relacionamento paralelo pode está sob o conhecimento de mais pessoas, permitindo o surgimento da indagação: por que manter uma relação de adultério sabendo que ela não está totalmente às escondidas? Dos entrevistados que já participaram diretamente como o “outro” na vida de alguém – totalizando vinte e uma pessoas – os resultados são apresentados na tabela III.

Tabela 3

Por que manter uma relação de adultério sabendo que ela não está totalmente às escondidas?

Motivo	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
Apenas pelo prazer ao sexo	23,6%	14,3%	37,9%
Apenas por aventura (ocasional)	14,3%	4,8%	19,1%
Insatisfação com o parceiro ou parceira	19,1%	14,3%	33,4%
Outros	4,8%	4,8%	9,6%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

Percebemos que as questões que envolvem a relação sexual sobressai às demais, demonstrando que o adultério, em primeira instância, é uma complementação para os desejos carnis da sexualidade, como afirma Giddens (1993):

Será a sexualidade, de alguma forma, a chave para a civilização moderna? Muitos, a maioria do lado progressista do espectro político, têm respondido afirmativamente. De acordo pelo menos com as interpretações habituais – embora estas sejam com certeza inadequadas – Freud seria uma espécie de exceção, pois relacionava o seu modo de enxergar a sexualidade a uma visão conservadora da civilização moderna. Os seguidores de Freud, no entanto, têm com frequência adaptado suas ideias, ou algumas delas, a fins radicais. Está certo que a civilização moderna é repressiva, mas a libertação da expressão sexual de suas restrições poderia produzir uma emancipação de grande alcance. O sexo, segundo Edward Carpenter, “vem primeiro, e as mãos, os olhos, a boca eo cérebro vêm depois; das entranhas irradia-se o conhecimento do eu, da religião e da imortalidade (GIDDENS, 1993, p. 175).

Se o adultério da forma como está presente em Laranjal do Jari não difere da maioria das cidades do país ao menos os entrevistados apontaram elementos causadores de suas particularidades, segundo a pesquisa:

Tabela 4

Motivos que fortalecem as marcas do adultério em Laranjal do Jari

Motivos	Percentual
A presença marcante de imigrantes	24%
Mudanças comportamentais da população	18%
Formação história	27%
Questões financeiras	22%
Outros	9%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

A presença marcante do imigrante é consolidada como um motivo marcante, pelo levantamento estatístico obtido junto à administração do Terminal Rodoviário da cidade de onde diariamente saem, em média, cinco ônibus rodoviários lotados; chegando outros cinco com a mesma característica; dificultando o estabelecimento de um perfil para os moradores, ou seja, Laranjal do Jari torna-se uma cidade de população inconstante, onde muitas pessoas circulam com pretensões imediatistas e bem definidas. A mudança comportamental é fruto do acelerado processo de globalização no qual o intercambio cultural permite contatos materiais e irreais facilmente. Já a formação histórica está relacionada também com as questões financeiras em virtude de a cidade ser fruto do crescimento desordenado do povoado nos arredores de um grande projeto industrial com corte acentuado na vida regional onde os que conseguiam assegurar um posto de trabalho ostentavam um padrão de vida muito distinto dos desempregados que se viam na condição desfavorável de terem que se contentar com a vida na grande favela.

Nosso povo tem marcas de homens e mulheres que estiveram por aqui décadas atrás e tiveram que voltar para seus lugares de origem deixando filhos menores morando com avós em condições deprimentes. Já vi situações onde a mulher casada para dar comida aos filhos aceitou a proposta de manter um ato sexual com um vizinho em troca de mecharia... sei lá, não tem como explicar, mas aconteceu (M. N. de P., funcionário público municipal, 22 anos, Laranjal do Jari).

E por aí adentro outros fatores também foram apontados somando-se 7%, mas o que se percebe, de fato, é o conhecimento público de muitas ocorrências de casos adultério, de modo que cada um deles agente motivador e, possivelmente, consequências próprias.

2.4 – Adultério de ponta à ponta

Na concepção consuetudinária, o adultério pode muito bem ser definido, diante do senso comum laranjalense pelas palavras do entrevistado L. de S. Silva, quando diz que:

Adultério é qualquer envolvimento ou tentativa de envolvimento consciente entre duas pessoas quando pelo menos uma delas não seja completamente livre e desimpedida para estabelecer um relacionamento... ainda que este relacionamento não aconteça, do ponto de vista carnal, mas que fique no plano do desejo obcecado, pois isso atrairá energias negativas para o casal (L. de S. Silva, taxista, 37 anos, Laranjal do Jari).

Falar em adultério em Laranjal do Jari é passear por uma dimensão socialmente manchada no psicológico de seus moradores, é desvendar segredos que já haviam sido cogitados aqui ou ali em alguma conversa informal, mas é também perceber a convicção de prática adúltera a partir da perspectiva das pessoas que mais estão interessadas em se auto conhecer e refletir sobre as enormes manchas sociais e sobre os curtos atalhos existentes entre o mito e a ciência que está intrínseco na sua conjectura familiar e moral.

Uma das primeiras e principais indagações sobre o adultério seria a própria definição, quais elementos precisam ser considerados para qualificar a prática adúltera. Em Laranjal do Jari, para 87% das pessoas que participaram dessa pesquisa, adultério transcende os limites do relacionamento formal. Esse percentual defende a concepção de relacionamento conjugal a partir do momento em que duas pessoas passam a conviver juntos e a dividir a responsabilidade de um novo núcleo familiar independente da idade e do local onde passarão por este processo de adaptação às novas responsabilidades, independente de qualquer documentação escrita, seja ela do ponto de vista civil ou religioso, mas como elemento de manutenção da hereditariedade familiar, em concordância.

Considerado na ordem patriarcal como engrenagem essencial de uma política voltada para a manutenção e transmissão do patrimônio, o casamento não deixava espaço para interesses pessoais. Bem ao contrário, a finalidade primeira da aliança matrimonial era de ordem social, ou seja, de fortalecimento de grupos de parentesco e de *status*, preservação da herança e do poder econômico. Nesse sentido, é grande a

sua contribuição para a formação de um sistema de dominação política e econômica (D'INCAO, 1989, p. 88).

Nessa mesma perspectiva surge uma concepção social de adultério, onde sua ocorrência pode ser diagnosticada em qualquer instante do relacionamento a dois, inclusive havendo relacionamentos que tem seu início marcado por um triângulo sentimental onde o casal recém-formado é alvejado pela prática adúltera.

O interesse pela pessoa recém-casada é fruto do inconsciente do ser humano por tentar livrar-se das possíveis culpas contraídas com uma pessoa não casada, como uma gravidez, por exemplo. No caso de a mulher ser casada ela pode muito bem manter a afirmação de que a criança é filha do marido (O. Borges, aposentada, 68 anos, Laranjal do Jari).

Outro elemento bastante relevante nesse discurso é a culpabilidade não assumida da prática adúltera. Dificilmente as pessoas que praticam o ato em si tomam responsabilidade de tal, ao contrário, estão sempre em busca de subterfúgios que revertam sua condição de culpado para a de vítima, procurando, com isso, justificar-se num elemento que não seja de sua natureza, mas de outrem.

Como essas discussões pormenores de causas e culpas fogem, na maioria das vezes, aos olhos e ouvidos daqueles que evidenciam o ato, no critério de apontamento das responsabilidades iniciais a pesquisa traz, através da tabela V, esse demonstrativo, de acordo com as posições extraídas das entrevistas:

Tabela 5

Quem mais pratica adultério contra parceiro ou parceira em Laranjal do Jari

Homens	42%
Mulheres	30%
Homens e mulheres na mesma proporção	28%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

Percebe-se pela tabela acima a existência de um ponto de equilíbrio estatístico onde os relacionamentos extraconjugais não são mais exclusividade masculina como em outras épocas. Não que os dados fossem diferentes noutros tempos, mas pela conquista do espaço pelo público feminino, onde muitos de seus desejos tornaram-se melhor evidenciados através de suas lutas por equidade nos últimos séculos.

O *status* feminino mudou radicalmente e com ele a família também mudou, a mulher numa situação bem diferente daquela ocupada na família eminentemente patriarcal. O grande perigo dessa evolução é a disputa entre homens e mulheres, talvez em razão dos longos anos de opressão que a mulher viveu (PALHETA, 2010, p. 40).

Laranjal do Jari, nessa perspectiva é uma cidade bastante atingida pelo modismo implantado através dos meios de comunicação de massa, dessa forma a concepção moderna de relacionamento instaurada na cidade baseia-se na liberdade de escolha nos relacionamentos, cabendo intervenção científica para tentar descobrir o porquê de tantos conflitos que tenham relações extraconjugais como ponto de partida, marcando as relações familiares por todos os bairros da cidade.

Recebemos de todos os bairros queixas e chamadas para atender ocorrências oriundas de casais em litígios pela descoberta ou apenas suspeita de envolvimento de um dos cônjuges em casos de adultério. Em sua maioria, quem nos procura é o lado familiar da mulher se sente enfraquecida fisicamente, mas que possui um poder de ação tão grandioso quanto o homem (O. M., funcionário do Fórum, 29 anos, Laranjal do Jari).

O adultério, portanto em Laranjal do Jari não está concentrado em uma única zona, mas é possível encontra-lo em várias partes da cidade, em as ruas e avenidas, assim como em outros lugares, mas, segundo a opinião das pessoas que prestaram informações para construção desse trabalho, quando o cidadão ou cidadã, estando na cidade, pretender, intencionalmente manter uma relação carnal com maior facilidade, o bairro Central apresenta condições favoráveis em relação aos outros, devido a forte concentração de bares e prostíbulos existentes.

2.5 – Adultério: do senso comum ao prazer

O adultério por ser um tema polêmico de se tratar sempre esteve repleto de indagações verdadeiras na sua essência, mas falsas na sua compreensão. De fato é um assunto que sempre esteve presente no cotidiano das pessoas que preferem fingir desconhecê-lo. Na verdade para cada interrogação formulada acerca da temática, as possibilidades de respostas variam de pessoa para pessoa. Prendamo-nos por analisar as respostas a uma dessas perguntas que poderá redefinir o conceito individual de adultério ou, pelo menos, possibilitar uma nova reflexão.

A pergunta a qual nos referimos, além de íntima, nos remete instantaneamente a pensar sobre o que os outros responderiam. Ela foi extraída do livro “Seduzir” de Eduardo

Nunes, publicado em 2007, e diz o seguinte: o que é pior: saber que ele ou ela transa com você pensando em outro(a) ou saber que ele ou ela transa com outro(a) pensando em você?

Quanto aos nossos colaboradores de trabalho, entre homens e mulheres, as respostas foram mais bem interpretadas com uso de parâmetros como idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil considerado. Perceba as variações através da tabela VI

Tabela 6

O que é pior:

1 – Saber que ele ou ela transa com você pensando em outro(a)?

2 – Saber que ele ou ela transa com outro(a) pensando em você?

Parâmetro		Homens		Mulheres	
		1	2	1	2
Idade	Entre 18 e 30	5,9%	11,8%	8,7%	10,3%
	Entre 30 e 50	14,7%	16,2%	14,7%	7,4%
	Acima de 50	5,9%	1,5%	2,9%	0,0%
Escolaridade	Graduação ou pós	4,4%	4,4%	2,8%	7,4%
	Nível médio	10,3%	5,9%	8,8%	10,3%
	Nível fundamental	17,6%	11,8%	7,4%	7,4%
	Analfabeto	0,0%	1,5%	0,0%	0,0%
Estado civil	Casado	8,8%	25,0%	5,9%	11,8%
	Solteiro	8,8%	13,2%	10,3%	16,2%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

A tabela nos mostra que mesmo se tratando de uma amostragem as opiniões divergem consideravelmente quando se trata de questão direta relacionada ao adultério, no caso acima, até mesmo as diferenças conceituais do senso comum afloram com maior propriedade.

Sexo e adultério não são a mesma coisa. Tem gente que diz que o camarada só trai quando ocorre relação sexual. Bem, eu acredito que o fato de uma pessoa manifestar expresso ou não, desejo por outra sendo que os dois não sejam desimpedidos já se configura adultério (L. de S. Silva, autônoma, 47 anos, Laranjal do Jari).

A opinião acima reflete uma concepção sexual sobre adultério, extraída de uma das pesquisas populares realizadas, ela vem mostrar a preocupação que o informante tem de analisar o adultério não como uma prática carnal, mas no sentido de ser fruto da ação humana

quando da interferência causada pela figura do *outro* sem importar-se com o grau de relacionamento entre o casal teoricamente estável.

É interessante a compreensão que devemos adotar para o termo *outro*. Ele deve ser definido como a pessoa que por iniciativa própria ou por oportunidade momentânea foi capaz de se introduzir ao meio de um relacionamento existente ante a sua presença com a pretensão de usufruir prazeres de uma vida a dois da qual fará parte para sempre através da história de maneira construtiva ou destrutiva.

As mulheres, em geral, costumam manter uma posição otimista em relação aos homens, sempre achando que aquilo que não gostam neles poderá mudar. Essa postura é muito diferente da do homem, que já tem uma ideia do que quer de uma mulher e procura descobrir logo se ela é ou não aquela que ele deseja. Se o homem percebe que a mulher não é o que ele espera, pula fora sem hesitar e ponto final. É possível até que “dê uma condição” para facilitar com algumas mulheres, em caso de está em dúvida, mas deixa correr solto e jamais força a barra (NUNES, 2007, p. 99).

A figura do *outro* pode determinar o destino da continuidade da vida conjugal, por isso é de fundamental importância que lhe seja dado um perfil, apesar de esse não poder ser generalizado.

A tabela a seguir apresentam dados que permitem associar os traços do *outro* em Laranjal do Jari, de acordo com a pesquisa de campo.

Tabela 7
Quem é o *outro* em Laranjal do Jari

Características	Percentual
Pessoa desconhecida do casal	12,0
Pessoa que já estabeleceu relação proximal	72,8
Membro da família	2,7
Conhecido mas sem intimidade	12,5

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

Perceba que o maior índice está nos casos em que o *outro* possui relação proximal com o casal, são pessoas que muitas vezes estabelece uma relação de confiança ou até mesmo de confidências levando a conhecer os pontos de maior relevância e as fraquezas daquele núcleo, estando, com isso, em total domínio da sua atitude aguardando apenas o momento certo para investir suas fichas, ainda que, nem sempre, a intenção seja a destruição do relacionamento.

Toda pessoa que se mete na vida de um casal tentando provocar uma situação adúltera tem como primeiro pensamento o prazer sexual e ainda que possa rolar um sentimento mais sério posteriormente, o sexo continuará sendo a base da relação adúltera, pelo menos para o *outro* (V.O, professora, 33 anos, Laranjal do Jari).

A conotação sexual de adultério, de fato existe não como especificidade de Laranjal do Jari, mas de modo geral.

Quando o sexo é acometido como ação adúltera em Laranjal do Jari existem locais de maior incidência do ato que são as pousadas estrategicamente edificadas em bairros centralizados, porém em áreas isoladas que garantam o caráter sigiloso da relação a dois.

2.6 – Quando não dá mais para esconder

Qualquer relação tem seu início marcado pela desconfiança de ambas as partes. Do ponto de vista social essas relações podem ter caráter harmonioso, quando se torna bem vista aos olhares externos; mas é possível que haja prevalência de dúvidas e insegurança durante muitos anos.

O casamento, por exemplo, é uma relação que tem todo um ritual de preparação do estado de espírito à nova vida que se aproxima e, conseqüentemente caminhos que o antecede indo desde o namoro às escondidas até a coragem de expressar publicamente os sentimentos, fechando, assim, o ciclo pré-nupcial através da consagração matrimonial por meio da oficialização conjugal.

O casamento é um ato profético do arrebatamento da Igreja. A Bíblia é repleta de tipos, simbolismo e de atos proféticos. Portanto, dizer que para Deus não importa a cerimônia e que basta tão-somente o amor e o desejo de permanecer unidos é uma ideia antibíblica. Deus se importa, sim, com a cerimônia que envolve o casamento. É naquele momento que os noivos recebem a bênção do sacerdote e Deus está presente para confirmar e derramar da Sua unção sobre a família que naquele momento nasce (PALHETA, 2010, p.63).

Do mesmo modo que o casamento, um relacionamento extraconjugal pode se arrastar às escondidas durante muito tempo, mas chegará ao ponto em que escondê-lo irá apenas causar desgastes entre seus agentes e pacientes. É quando os limites do silêncio vão sendo rompidos vindo à tona todos os indícios de sua existência enquanto prática racional provocando o ressurgimento do conjunto de motivos que o originaram, daí por diante as reações além de individuais são puramente instantâneas e de extremidades imprevisíveis. Seus atores precisarão tomar um posicionamento perante à descoberta e, ainda que não hajam

roteiros prontos, podemos tomar como ponto de reflexão o que nos comentou um dos entrevistados sobre as seguintes personagens, da vida real: o casal e o *outro*.

Conheço um caso em que apesar dos dois terem cinco filhos menores e mais de uma década de núcleo familiar, ela começou a perceber quando o marido passou a chegar em casa aborrecido, se reclamando de cansaço além do que o que recebia de salário já não era suficiente para o sustento familiar, daí por diante foi só se agravando. Somente dois anos depois de descobrir ela percebeu que o desgaste do relacionamento era tanto que daria mais para aguentar resolveu chamá-lo a conversar para tentar reordenar o núcleo familiar (Vera O. S. S, enfermeira, 36 anos, Laranjal do Jari).

O conjunto formado pelas possíveis reações diante dos esclarecimentos acerca do adultério é ilimitado e variável de pessoa para pessoa. A tomada de decisão é individual, mas é também fruto da reação provocada pelo abalo psicológico. Para esse evento os índices de Laranjal do Jari apontam reações diversas, ainda que não possamos generalizá-las, mas em pelo menos 80% dos relacionamentos atingidos pelo adultério o destino é a reorganização familiar sem a presença de um dos membros.

Tabela 8

O destino dos casais quando o adultério é revelado em Laranjal do Jari

Separação definitiva com geração de processo judicial	38,1%
Separação definitiva sem geração de processo	18%
Separam e voltam à relação semanas depois	24,6%
Não há separação	19,3%

FONTE: Pesquisa de campo, Laranjal do Jari-AP, março e abril de 2012

De acordo com as informações do protocolo da Vara da família de Laranjal do Jari diariamente são atendidos pelo menos três pessoas, para dar início a processo litigioso de separação, os quais geram um total anual significativo e, no apurar dos fatos, revela-se que em 65% existiu (ou existe) um relacionamento extraconjugal.

2.7 – Adultério temperado à violência

Além das características já mencionadas neste trabalho, o adultério é também agente causador de uma cegueira moral. Como isso acontece? O que representa na prática?

Devido aos impactos causados após a revelação da prática adúltera à pessoa paciente é normal entrar em estágio de depressão, assim como sua reação pode desencadear tendências violentas. Isso acontece devido à baixa estima moral enfrentada pela vítima perante os moldes da sociedade sucumbida no tradicionalismo monogâmico.

Os casos de violência doméstica registrados em Laranjal do Jari representam índices elevados, salvaguardadas as proporcionalidades populacionais. Como afirmou o funcionário da delegacia da mulher de Laranjal do Jari:

Não há um dia sem que haja ocorrências policiais dessa natureza e que ao serem chamados para averiguação dos fatos, em 48% dos casos, o ato de brutalidade teve como pivô relações extraconjugais de uma parte e os esclarecimentos entre o casal tem na violência física seu desfecho (O. H, servidor público, 40 anos, Laranjal do Jari).

Nesses casos os agentes públicos dificilmente conseguem agir com prevenção. Cabendo-lhes apenas a apuração dos fatos e às orientações pertinentes ao reordenamento familiar.

Não há nada que explique o que passa na cabeça de uma pessoa traída; não sei dizer se senti raiva, pena, vergonha, tudo junto; só sei que minha vida foi abaixo e a vontade que tive foi deixar de existir... e agi com violência, não recrimino, mesmo sabendo que não é o correto, às pessoas que agem assim. Naquela hora você se sente um nada, um zé ninguém mesmo; na sua cabeça, parece que todas as pessoas são conhecedoras da sua vida naquele momento... eu senti vontade até de morrer, mas tive que me segurar nos meus filhos e foi por eles também que parti para a violência, pra defender o direito deles e nunca vou aceitar que alguém os machuque daquela forma (A. J. Bastos, autônomo, 31 anos, Laranjal do Jari).

Os abalos nas estruturas do ser humano são tão acentuados que mesmo com o passar do tempo à maioria prefere que o caso permaneça no anonimato. Pra se ter uma noção mais ampla dessa afirmação tomemos como base a informação coletada na pesquisa de campo, onde todos os casos que fossem quantificados deveriam ter acontecido há no máximo um ano e quando indagado quanto ao atual sentimento a respeito da atitude violenta, veja o que respondeu a pessoa entrevistada:

Eu não sei lhe dizer para cima de quem eu partiria primeiro, mas tenho certeza que na hora do descontrole a vontade é sair batendo em quem traiu e na pessoa que agiu como outro, nas pessoas que sabiam e não me contaram nada, seu mundo vira de cabeça para baixo (O. S. S, eletricitista, 19 anos, Laranjal do Jari).

Hoje, em estado de plena consciência e em processo de reestruturação, O. S. S; afirma que a incidência de casos de violência entre casais quando da descoberta de prática adúltera

em Laranjal do Jari é muito alta e que já esteve envolvido em atos dessa natureza e por isso carrega cicatrizes mentais irreparáveis, pois de todo o transtorno do momento ainda foi condenado judicialmente a compensar aquela atitude por meio de determinação judicial, além da exposição e penalidade social e por isso acredita está preparado para prosseguir sua vida.

Segundo especialistas em psicologia, na maioria dos casos, a violência praticada a partir de um transtorno emocional não se configura como presumida. A violência extraída de um choque provocado por mudanças na estrutura psicológica de uma pessoa é compreendida com racionalidade se partirmos do pressuposto de que o emocional foi drasticamente estimulado, ainda que psicologicamente e judicialmente não se justifiquem quais quer atitude violenta manifestada contra a ordem (VILHENA, 1987, p. 519).

Se em estado de plena consciência a pessoa repreende a ação adúltera contrapondo-a através de violência física é de se constatar que as proporções do problema só aumentam indo parar nos hospitais e possivelmente nas delegacias, além de criar mais um atenuante, se o caso for parar nos órgãos do Poder Judiciário.

Hospitais e delegacias de polícia são contatados diariamente para atender ocorrências de violência física e/ou moral originada a partir da reação devido a revelação de um caso de adultério. Trata-se de uma forma de violência mútua, ou seja, tanto homens como as mulheres podem ser agentes ou pacientes e, no prolongamento dos atos, muitas vezes os filhos acabam por participar – quase sempre – como vítimas, esses, normalmente são os mais afetados emocionalmente e devido ao processo de formação de sua estrutura psicológica e podem carregar reflexos pelo resto de suas vidas.

De acordo com as informações obidas no setor de protocolo do Hospital de Laranjal do Jari, em média quatro pessoas são atendidas diariamente com esses princípios iniciais de violência, em sua maioria mulheres – vale ressaltar – porém nem todos vão parar nas delegacias, como acontece também o inverso. Sabe-se que o percentual de pessoas que procuram atendimento desses agentes públicos é muito pequeno se comparado com o quantitativo indicado pelo senso comum, como diz um médico que atua nessa unidade hospitalar:

Em nossa vida cotidiana somos cidadãos comuns e precisamos perceber o mundo como cidadãos comuns e, desse modo, somos conhecedores de dezenas de casos de violência física que não chegam até os hospitais ou delegacias... as pessoas não conhecem ou não confiam em nosso código de ética e é claro que aqueles que nos procuram são atendidos. As pessoas acham que recorrer aos agentes de defesa do direito público é, ao mesmo tempo expor-se e diante de um ato tão contraditório às normas sociais é preferível viver a teoria do deixa pra lá (B.B. médico, 45 anos, Laranjal do Jari).

Percebe-se que a violência, a pesar de não ser uma consequência exclusiva do adultério tem sua incidência marcante na apuração dos casos em Laranjal do Jari deixando rastros que permitem a classificação estereotipada da cidade como local de facilidades às questões de relacionamentos íntimos, as quais seus moradores relutam por mudanças de concepção.

POR UMA NOVA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

Desde seus primórdios a sociedade sempre viveu na busca por um ideal de organização em que a racionalidade coletiva possa prevalecer, um lugar em que a coexistência seja fato, onde as particularidades sejam alcançadas sem quaisquer danos ao grupo.

Na peleja para não ferir os princípios predefinidos, o indivíduo é colocado no segundo plano em algumas de suas ações e desejos mais intensos, podendo ser agente de violação de conduta sempre que os valores costumeiros forem burlados.

Essa natureza da humanidade permitiu o surgimento de várias concepções pautadas no princípio do bem comum e deu subsídio para o fortalecimento científico da vida em sociedade desde que prevaleça o respeito aos valores consuetudinários e, se esses tiverem que passar por algum processo de transformação surgirão as dicotomias entre o tradicional e o desconhecido

A tentativa de conciliar o respeito ao coletivo com os desejos individuais, torna as relações afetivas cada vez mais propícias a juízo de valor devido aos dogmas impostos pelas gerações anteriores. Nessa perspectiva a infidelidade é tida como ponto de balanceamento entre conceitos ideais de certo e errado, ressaltando que em se tratando de intervenção direta nas relações amorosas, essa infidelidade pode assumir características particulares como traição adultério.

O amor romântico, o divórcio, o casamento, o adultério, dentre outros temas recebem grande influência dos costumes culturais. O adultério especificamente sempre foi estigmatizado na história natural da monogamia ao ponto de não ser possível mensurar as possibilidades de atitudes de determinada pessoa diante dele. Com as observações estigmatizadas dos costumes de diferentes povos, a afirmação fica mais clara ainda manifestando na ciência o desejo por explicações plausíveis que justifiquem o adultério não só como incerteza de desestruturação familiar, mas como possibilidade clara de promover o surgimento de novos núcleos.

3.1 – Estruturação e desestruturação familiar em torno do adultério

Aos olhos das ciências sociais o adultério não deve ser analisado unilateralmente como elemento causador de desestruturação familiar, pois através dele, enquanto ato, independentemente do desfecho, haverá pelo menos um processo de reorganização do agir e do pensar dos membros que constituem o núcleo e de quem os cerca. Esse reorganizar não dar certeza quanto à difusão do núcleo.

A partir das revelações obtidas sobre o caso, além da possibilidade de dissolução do núcleo que parecia forte e inabalável, ele pode ser apenas reorganizado pelas pessoas envolvidas, em seus modos de agir e de pensar; pode ser dissolvido e dividido, ou seja, cada membro constituir um novo núcleo com condições de prosperidade tanto o quanto o inicial.

Sem dúvida alguma os maiores pilares de um núcleo familiar são as inter-relações, a cumplicidade, a fidelidade e o companheirismo, no entanto sempre foi acrescentada aí a conservação dos valores culturais padronizados a partir de um ideal de racionalidade. São justamente esses valores que se tornarão determinantes para o sucesso ou não de um relacionamento: se os cônjuges comungam dos mesmos ideais ou ao menos estabelecem uma condição de respeito mútuo, é muito provável que esse núcleo progrida em todos os aspectos; do contrário, haverá invasão de espaço entre o casal e certamente os conflitos deixarão a relação instável.

Os conflitos passam a existir a partir da quebra (ou tentativa de quebra) de qualquer que seja o pilar, daí por diante pode-se afirmar veementemente à inexistência de um padrão quanto aos acontecimentos. Tomemos como elemento de estudo o adultério em perspectivas, pautado nos princípios da monogamia.

Baseados no conservadorismo monogâmico os núcleos familiares são constituídos em moldes indissolúveis de tal maneira que na ocorrência de um fato, ainda que isolado, fora dos padrões incorre no enfraquecimento da estrutura idealizada, ocasionando, conseqüentemente, na necessidade de uma reorganização, tanto de seus causadores quanto das vítimas.

Pelo que deu para perceber, através das pesquisas de campo e bibliográficas, os dogmas religiosos ainda são os pilares mais firmes na manutenção dos casamentos ideais, onde o tradicionalismo das doutrinas teístas prega que o não cumprimento de todos os seus princípios pode implicar severas penas no plano espiritual. O casamento, nessa perspectiva deve ser compreendido como parte integrante de uma cultura una e antes de mais tudo monogâmico, perfil que descreve o adultério como causa indiscutível para a separação, pois de um lado está a vítima fragilizada na sua inocência e, do outro, as pessoas pecadoras que propiciaram a ocorrência da ação adúltera. Esse julgamento preliminar entre as concepções de certo e de errado, muitas vezes sequer sem apurações mais profundas dos fatos, pode ser imatura e causadora de impedimentos no plano carnal. Como afirma Bittencourt:

Nesse assunto, como é facilmente compreensível, a prova nem sempre se reveste de certeza absoluta e, por vezes, decorre de elementos indiciários, presuntivos e circunstanciais, aceitáveis como em casos de fatos praticados às ocultas. Se, em relação ao julgador, a dúvida pode atormentá-lo e conduzi-lo a possível decisão objetivamente injusta, - que se dirá do juízo de valor obtido pelo cônjuge

enciumado, que anseia provas concretas para afirmar nos processos de divórcio o adultério, ou para convencer-se da improcedência de suas suspeitas e, assim, reforçar o matrimônio? A concretização dessas provas constituem a *mise-en-scène* (Bittencourt, 2002, p. 82).

Existe nas sociedades monogâmicas um elemento crucial chamado “honra” que desabrocha facilmente quando algum vestígio de traição é localizado. Normalmente ele é recheado de possibilidades a priori, por exemplo, a não comprovação de um fato contado ou quem sabe a distorção de ato construído pelo imaginário de uma das partes envolvidas permite que o abalado estado da possível vítima não fique alheio ao juízo de valor levando-a a posicionar-se firmemente em apenas uma premissa, seja ela verdadeira ou não sem análise mais detalhada do fato.

Não há dúvidas de que a traição é o elemento causador de grande parte dos rompimentos ou abalo nas relações sociais nos grupos conservadores. Quanto às famílias atingidas pelo adultério – aqui tomado como violação da regra conjugal estabelecida no contrato de matrimônio, ainda que ele seja apenas social – como se dão os comportamentos no antes, no durante e no após. Eis alguns questionamentos polêmicos que precisam ser levados em conta e também caracterizados pelas ciências desde as macrorrelações até a nova cara do lar assolado por este componente tão marcante e presente na contemporaneidade.

Depois que meu cônjuge me traiu, eu acredito que o relacionamento foi abalado, mas aos poucos fomos aprendendo a conviver com a certeza de outra pessoa entre nós de modo que hoje muita gente sabe... só que isso não nos afeta. Para mim o que importa mesmo é ter a companhia de uma pessoa que já conheço e o que faço para superar o adultério é mostrar para ele que na relação eu sou melhor, sou eu quem oferece carinho de verdade, sou eu que cuido dos filhos. Isso me dá segurança de que outra pessoa não vai nos separar (L.S. Costa, estudante, 22 anos, Laranjal do Jari).

O ponto de chegada de uma relação adúltera é um dos mais incertos das relações afetivas, podendo variar da celeridade à extremidade da vida, sendo que essas variações convergem diante da afirmação de que não existe ação sem uma reação, no caso do adultério, o imprevisível pode parecer mais óbvio.

O fato de não haver ainda um indicador oficial que aponte os índices de casais separados em função do adultério cometido por um dos cônjuges, nos levou a traçar um perfil dos mesmos a partir da comparação entre as informações obtidas nos órgãos de atendimento público, mais precisamente nos hospitais e no fórum e às extraídas das entrevistas com populares.

Os resultados dos órgãos públicos citados revelaram que 46,8% dos casos de violência atendida no Hospital Estadual de Laranjal do Jari que tiveram como agente causador indireto o adultério são reincidentes que por mais de duas vezes já procuraram os serviços da Unidade pelo mesmo motivo. Já no Fórum, 28% dos processos de separação abertos onde o adultério seja citado como causas são arquivados a pedido do manifestante e, acredita-se que isso ocorra devido a reconciliação voluntária. Por outro lado a pesquisa com populares apontou que em 90% dos casais que se separam os dois conseguem reestruturar-se com outra pessoa.

3.2 – Adultério e descasamento

O numero crescente de separações conjugais na sociedade contemporânea vai de encontro ao que outrora nos foi instituído como correto. Na Bíblia em I Aos Coríntios 7:1-2 está escrito: *Ora, quanto às coisas, que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; Mas, por causa da prostituição, cada um tenha sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido.* Na prática, os valores bíblicos estão sendo sucumbidos. A indissolubilidade do casamento que nos parecia ser uma afirmação concreta poucos séculos atrás, tem deixado de assim o ser. A mudança na maneira de pensar e de agir tem levado à construção das novas relações.

O adultério, enquanto relação íntima de poucos séculos atrás era praticado pelos homens sem o menor medo das consequências, pois à mulher o poder de decidir alguma coisa era quase nulo, seu papel era imposto desde o nascimento. Mas através das lutas reivindicatórias de grupo, de forma grandiosa, elas vieram conquistando espaço e, no limiar do século XXI seus espaços e poder de decisões é, em muitos casos, maior que o dos homens. Nessa perspectiva, a decisão pela continuidade do matrimônio passa igualmente pela vontade da mulher que já não aceita ficar alheia ao direito de se expressar conforme sua opinião sobre qualquer acontecimento.

Um dos primeiros manifestos de repúdio das mulheres foi contra a condição de submissão que vivera durante vários séculos, estando aí a aceitação forçada do adultério cometido pelos homens e as fortes punições recebidas quando os agentes fossem elas. A medida que iam se consolidando suas bandeiras de luta, novos espaços foram galgados até que se chegou ao ponto em que a mulher traída por seu marido pudesse, do mesmo modo que os homens, promover o fim do matrimônio.

Nesse processo gradativo das formas de estabelecimento das relações o adultério assume, até certo ponto, um caráter paradoxal particular. De um lado, as novas relações o

redefiniram pelas práticas como ato de se relacionar, pela supervalorização de alguns aspectos materializados em detrimento dos metafísicos; do outro, os exemplos de casamentos duradouros originários do conservadorismo exacerbado, onde a prática adúltera, assim como outros rompimentos com a ordem social, era punida com maior vigor.

“O envolvimento dos indivíduos na determinação das condições de sua associação” – esta declaração exemplifica os ideais do relacionamento puro. Expressa uma diferença fundamental entre o casamento tradicional e o atual, chegando ao cerne das possibilidades democratizantes da transformação da intimidade. Aplica-se, é claro, não apenas à iniciação de um relacionamento, mas à reflexividade inerente a sua continuação – ou a sua dissolução. Para que esse padrão seja satisfeito, é necessário não somente respeito pelo outro, mas uma abertura em relação a essa pessoa. Um indivíduo cujas verdadeiras intenções são ocultas de um parceiro não pode oferecer as qualidades necessárias à determinação cooperativa das condições do relacionamento. Todo e qualquer texto terapêutico sobre a questão dos relacionamentos vai demonstrar porque a revelação para o outro – mais como um meio de comunicação do que como um esvaziamento emocional – é uma aspiração obrigatória da interação democraticamente ordenada (GIDDENS, 1993, p. 207).

Não se pode negar que o adultério passou a ser um agente de desmanche de milhares de casamentos Brasil adentro e, como já foi dito anteriormente, todo núcleo familiar que é desfeito torna volátil seus elementos durante um período indeterminado. Essa volatilidade pode ser imposta pela sociedade, através do apontamento voluntário dos hipotéticos desfechos possíveis para uma relação futura, mas também a psique do indivíduo pode construir métodos comparativos entre o que ocorreu e as possibilidades de um novo evento da mesma natureza.

Já se passaram 23 anos desde que nos separamos. Reconheço que fui culpada naquele momento e tenho que arcar com todas as consequências. Meus filhos... Tive que submetê-los a subcondições de moradia, passamos fome e não pude dar o que eles mereciam... Eu praticamente determinei, através do adultério, o que eles mereciam e a vida, nesse caso, não espera... As consequências são imediatas (A. A. Moraes, professora, 41 anos, Laranjal do Jari).

Hoje Laranjal do Jari conta com quase dez mil domicílios ocupados, de acordo com o Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, dos quais certamente uma minoria é constituída por pessoas sem núcleo familiar sólido. Em projeções, de acordo com a pesquisa realizada, muitos desses domicílios estão ocupados por pessoas que possuem vida estável na cidade, mas que por motivos de separação matrimonial a alternativa foi a separação da família construída pela intimidade afetiva.

O adultério também tem deixado suas marcas no mercado dos kits nets em Laranjal do Jari, segundo a proprietária de um desses:

É muito comum pessoas de ambos os sexos vir até aqui para alugar um espaço provisório onde possam estabelecer abrigo por algum tempo; e confessam que o motivo que os levaram a tal condição está sendo a separação em função de traição no casamento e que não dá mais para permanecer na relação (Q. de Sousa, empreendedora, 43 anos, Laranjal do Jari).

De fato o adultério como agente de desestruturação familiar também é muito marcante em Laranjal do Jari, mas que não seja erroneamente encarado como o principal da forma como o senso comum de outras cidades circunvizinhas o consideram.

3.3 – Adultério e recasamento

Os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Assim, é justamente a dificuldade desta exigência que o divórcio reflete e quase sempre os divorciados buscam o recasamento.

Primeiramente é preciso esclarecer que recasamento da forma que devemos entendê-lo aqui é diferente de reconstruir a família.

Recasamento será analisado como a organização de um novo núcleo familiar onde pelo menos um dos cônjuges já tenha passado pela experiência de um casamento que, por algum motivo precisou ser desfeito, no entanto, há condições para que seja considerado um recasamento. Na família recasada os limites dos subsistemas familiares são mais permeáveis, a autoridade paterna e materna é dividida com outros membros. É, na verdade, a aceitação de todas as conquistas que o novo parceiro ou parceira adquiriu até o recasamento e mais, é saber administrar com muita responsabilidade todas essas particularidades sem considerá-la como disfuncionalidade.

A tendência de considerar as famílias separadas e as famílias recasadas como disfuncionais, deve, sem dúvida, ser questionada. Muitas vezes a literatura enfatiza a dimensão disfuncional, na separação e no recasamento, e busca as patologias sociais associadas a estas situações. É importante ressaltar que estes núcleos familiares são tão capazes de promover saúde quanto as famílias do primeiro casamento (CARNEIRO, 1998, p. 8).

O recasamento tem deixado de ser alvo de inúmeras críticas e passado a fazer parte da compreensão da realidade. Seu papel deixa de ser secundário na nova ordem familiar e a família recasada assume de vez toda a responsabilidade do primeiro casamento procurando mediar as relações conflituosas sempre existirem.

A realidade diagnosticada em Laranjal do Jari quanto ao recasamento tem suas particularidades. Dentre as pessoas com relacionamentos estáveis que participaram prestando informações para este estudo 83% vivem uma situação de recasamento dos quais 47% formalizaram o casamento atual, fato não ocorrido nos relacionamentos anteriores.

O recasamento, então, passa a ser um elemento real na população de Laranjal do Jari que precisa ser respeitado e não mais discutido quanto á sua aceitação ou negação.

3.4 – Uma nova família: estruturação desestruturada

Até aqui apresentamos o adultério como elemento de desestruturação e também e estruturação familiar, no entanto, nada foi comentado ainda sobre o processo de readaptação dos familiares após a confirmação da relação adulterada.

Toda vida social é substancialmente transformada em, rotina: temos modo de atividade regulares que repetimos dia após dia, e que dão formas as nossas vidas individuais, assim como reproduzem instituições maiores para as quais nossa conduta contribui. Mais tais rotinas não são todas do mesmo tipo. Craig Nakken cria um conjunto útil de distinções entre os padrões de ação, os hábitos, as compulsões e os vícios. Um padrão é simplesmente uma rotina que ajuda a organizar a vida cotidiana, mais que um indivíduo pode alterar quando necessário. Assim, uma pessoa pode levar o cão para passear na maioria das vezes pela manhã, mas pode fazê-lo à noite, se necessário. Um habito é uma forma de comportamento repetitivo psicologicamente mais obrigatória que um padrão de conduta; para alterá-lo ou rompê-lo, é necessário um esforço distinto da vontade. As atividades habituais são com frequência descritas pela palavra “sempre” – “eu sempre janto as oito da noite” (GIDDENS, 1993, p. 83)

Quando o adultério é agente de uma separação matrimonial, naturalmente, haverá todo um desarranjo nas estruturas familiares tanto do homem quanto da mulher e principalmente no núcleo desfeito, na existência de filhos, as consequências se agravam mais ainda. Sendo este o desfecho do adultério o corte na relação existe e precisa apenas que cada membro, individualmente ou em grupo, tomem decisões no sentido superar os traumas maiores. Por outro lado se da adulteração do relacionamento se gerar um novo núcleo familiar ou a reestruturação daquele vitimado é possível que as relações sejam, a partir de então repletas de desconfiança devido as manchas sociais que a pessoa adúltera recebe e aos traumas da vítima pelo medo de sofrer reincidência.

No caso do recasamento com uma pessoa que esteve envolvida (como vítima ou agente) em adultério a desconfiança na relação é muito forte, pois o ser humano é dotado de um hábito de prejulgamentos e se apropria dele para especular a impossibilidade de o

recasamento prosperar além disso ainda precisa conviver com o estigma do senso comum de que a qualquer momento pode haver mais um caso de adultério, haja visto a perda do respeito aos princípios conservadores de ser social.

Tenho um casal de filhos, mas não permitirei que um deles se case com alguém que já tenha sido casado antes e tenha se separado por ter traído o companheiro ou a companheira. Isso pra mim é a pessoa está perto de ser infeliz (M. R. O., vendedor, 26 anos, Laranjal do Jari)

Analisando as possibilidades de reestruturação do casamento, veja o que diz quem esteve envolvido diretamente:

Depois que minha ex-esposa descobriu que eu a traía, tentei reerguer o casamento, mas ela passou a jogar na minha cara que eu não passava de um traidor e que a qualquer momento ela poderia fazer o mesmo comigo (trair) e que não seria eu a pessoa a quem ela pudesse confiar. De fato essa desconfiança ela foi passando para os nossos filhos. O problema se agravou até chegar ao ponto de insustentabilidade do casamento e decidimos pela separação. Hoje ela reconhece que eu esta certo da minha mudança, mas também não se arrependeu. Assim eu sigo a minha vida e ela a dela (A. N. Dias, comerciante, 39 anos, Laranjal do Jari).

O que se percebe a partir do exposto é que a reconstituição familiar após ser acometido pela prática do adultério torna-se uma relação de desconfiança que pode ter sua durabilidade bem reduzida, mas também pode ser bastante duradoura. Fato é que não se pode generalizar uma relação com base em hipóteses ou e outras relações. Nesses casos é preferível a análise individual da cada caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas páginas deste trabalho pretende-se destacar, sob o título de considerações finais, os aspectos de maior destaque observados nos estudos de campo em paralelo com as bibliografias analisadas. Alguns deles, porventura podem não terem sido esclarecidos plenamente no corpo do trabalho e que se faz necessário para o seu propósito.

Ao longo da construção desse trabalho foi feita a absorção do manancial das representações que nos foram passadas pelos homens e mulheres vivenciando uma experiência da cidade pesquisada. Com base nos depoimentos foi oportunizado perceber as construções elaboradas sobre o tratamento social que recebem, a visão da ciência e a do senso comum através das experiências que vêm passando, mostrando os diferentes “olhares” entre os próprios participantes direta ou indiretamente de práticas adúlteras. Essa variação não é só teórica, mas antes, como vimos fruto da própria diferenciação real existente entre as pessoas atuantes. Assim, não dá pra se falar em adultério como um elemento banal circundado de risos e piadas de mau gosto; também não se pode querer que as opiniões fossem homogêneas. Contrariamente a tal perspectiva, esse tema se constitui em espaço científico onde múltiplos indivíduos estão inseridos e convivem diariamente; onde o constante clima de tensão torna as relações entre eles tênues, em especial, quando da confirmação, como nos disse o informante A. O de Lima; “quem estiver envolvido no mundo do adultério vive num barril de pólvora que pode explodir a qualquer momento”.

A ideia de explosão nos remete a uma dupla interpretação: primeiro, a explosão pode ocorrer como expressão de desacordo entre as próprios pessoas envolvidas. Segundo: ela pode vir como a possibilidade de o adultério se tornar rotineiro provocando mudanças drásticas na concepção cultural de um povo.

O adultério a princípio é um elemento presente em praticamente todas as sociedades passou a ser visto como instrumento causador de conflitos na instituição que fornece base para qualquer ser humano, a família. A questão que se coloca é saber até que ponto o adultério se coloca como ferramenta determinante no processo de estruturação familiar.

Ao longo das mais remotas relações afetivas o interesse pelo que não é seu de fato, sempre esteve presente. Desde os primórdios o desejo pela posse e pelo poder tem causado conquistas relevantes, mas em sua maioria, esse desejo se converteu em conflito e, como se sabe, sempre que duas ou mais partes tentaram tomar para si um bem já individualizado houve danos que, em muitos casos puderam ser reparáveis, mas também tivemos aqueles em

que as marcas se perpetuaram para sempre. Com o adultério não tem sido diferente. Primeiro que ele se gera a partir de uma luta no interior da pessoa responsável pelo seu ponto de partida e depois com seu conjunto de atitudes várias outras poderão ser machucadas.

Desde o surgimento das primeiras ideias de se estudar a presença do adultério na cidade de Laranjal do Jari a intenção nunca foi quantificar ou responsabilizar quem quer que seja. Os elementos usados para a realização desse estudo é que exigiram a participação de ferramentas no subsídio das etapas que necessitavam ser feitas. Essas intervenções estavam previstas pelo encadeamento dos fatores que envolvem um assunto tão complexo e que muitas vezes é visto pelo senso comum apenas com sarcasmo. O que não estava previsto em princípio era a reação de espanto das pessoas ao se darem conta da importância que o tema tem para as relações sociais.

Curiosamente o ponto de partida foi o intrigante mundo do adultério e a escolha do local surgiu como inquietação por analisar o grau de verdades ou negação dela quanto aos índices de adultério argumentado pelo senso comum não especificamente de Laranjal do Jari, mas das cidades que a tem como vizinha.

Pela lógica do senso comum, tanto de Laranjal do Jari quanto das localidades vizinhas a cidade é local onde a fornicação se dar com naturalidade, o sexo é um determinante que depende apenas do querer e, conseqüentemente, o adultério, como prática ilícita aos olhos das sociedades monogâmicas, tem destaque regional em relação à incidência e também pela facilidade.

Ao analisar obras que trabalham essa temática e outras afins, várias conceituações foram refeitas e esclarecidas e a partir do momento desse estudo que o senso comum e a ciência começaram a confrontar-se deixando muitas evidências da contundência de que os dois caminham juntos em alguns pontos, porém divergem em muitos outros. Mas o enorme envolvimento estabelecido entre pesquisador, pesquisados e objeto nos mostraram que as formas como o adultério está presente na cidade de Laranjal do Jari não extrapola os moldes das outras cidades e que, em termos de quantidade, realmente a pesquisa comprovou um número significativo de casos de adultério, se traçadas as proporcionalidades populacionais, no entanto sem maiores comparações haja vista a escassez de pesquisas sobre o assunto em escala mais ampla.

Concluimos este estudo com uma certeza pautada nas observações bibliográficas e na pesquisa de campo: o adultério não é uma necessidade para sobrevivência, mas uma condição adquirida através das relações estabelecidas entre seres sociáveis.

REFERÊNCIAS

- ANDERS, Max. **21 leis da vida que ninguém deveria quebrar (nem você)**. Venda Nova-MG: Editora Betânia, 1999.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 2009
- Bíblia Sagrada, 5ª ed. Santo André-SP: Geográfica editora, 2009
- BITTENCOURT, Edgard de Moura. **Família**. 5ª ed. Campinas-SP: Millenium, 2002
- BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Editor, 2004, Coleção passo-a-passo
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 2ª Ed. São Paulo-SP: Moderna, 2004
- CARNEIRO, Terezinha Féres. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Porto Alegre – RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- COPPE, Leonard J. “Na’ap”. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998
- D’INCAO, Maria Angela. **Amor e família no Brasil**. São Paulo-SP: Contexto, 1989
- FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de S. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 2008
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49ª ed. São Paulo-SP: Global 2004
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro-RJ: Forense Universitária, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas; tradução de Magda Lopes**. São Paulo-SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993

HIRONAKA, Giselda Maria Fernandes Novaes. **Família e casamento em evolução** in Revista Brasileira de Direito de Família Porto Alegre: Síntese, 1999

KAHN, Fritz. **Enciclopédia da nossa vida sexual**. São Paulo-SP: Boa leitura editora, 1983.

KURY, Gama. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo-SP: FTD, 2001

LÉVY, Pierre; COSTA, Carlos Irineu da. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Introdução à organização burocrática**. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira Thomson 2004.

NUNES, Eduardo. **Seduzir: onde tudo começa**. Osasco-SP: Novo Século Editora, 2003

PALHETA, Simone. **Casamento: aspectos jurídicos e bíblicos**. Macapá-AP, 2010

PEREIRA, Aldo. **Dicionário da vida sexual**, vol. 4. São Paulo-SP, ABZ, 1987

PETERSEN, J. A. **O mito da grama mais verde**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1995.

PETTIT, Philip. **Teoria da liberdade**. Belo Horizonte: Del Rey, 2007

PINTO, Lucio Flavio. **Jari: toda a verdade sobre o projeto Ludwig**. Pinheiros-SP: Editora Marco Zero, 1986

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 16 ed. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2008

VAINFAS, Ronaldo. **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: Edições Graal, 1986

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Nova Fronteira, 1997, Coleção histórias do Brasil

VILHENA, J. **Escutando a família: uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1991